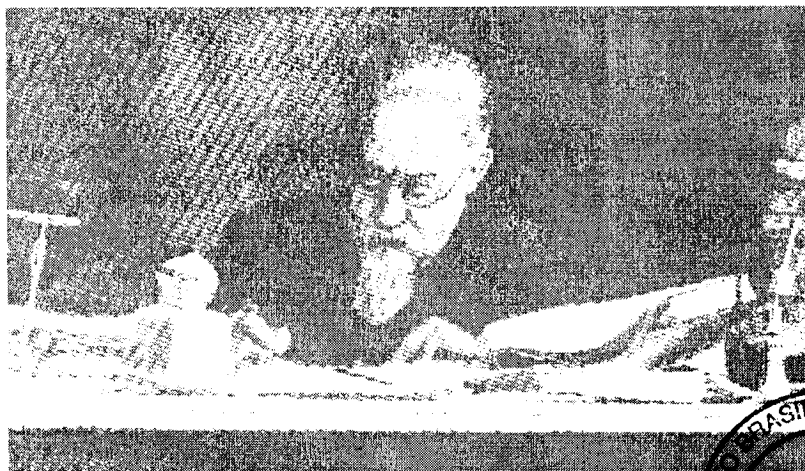


César Lombroso

O HOMEM DELINQUENTE



Tradução baseada na 2ª edição francesa, com notas,
comentários e resumo biográfico do autor

© Maristela Bleggi Tomasini / Oscar Antonio Corbo Garcia

Diagramação e Impressão: Gráfica La Salle

Capa: Maristela Bleggi Tomasini

Revisão geral: Maristela Bleggi Tomasini

Todos os direitos são reservados à propriedade literária desta publicação para Ricardo Lenz Editor e são proibidas a reprodução parcial ou total desta obra sob as penalidades da lei 9.610 de 19.02.1998.

Depósito Legal Cumprido
Decreto 1.825 de 20/12/1907

L844h Lombroso, César, 1835-1909
O homem delinqüente / Cesar Lombroso, tradução, atualização,
notas e comentários. Maristela Bleggi Tomasini e Oscar Antonio
Corbo Garcia.
Porto Alegre. Ricardo Lenz, 2001.
560 p. 16x23cm.

Tradução da 2ed. De L'homme criminel

1. Direito penal. 2. Crimes. I Título

CDU - 343.91

Índice para catálogo sistemático:

- | | |
|---------------------------------|-----------|
| 1. Criminologia – Direito penal | 343.9 |
| 2. Delinqüente | 343.91 |
| 3. Antropologia criminal | 343.9:572 |

(Bibliotecária responsável: DENISE SOUZA, CRB 10/960)

International Standard Book Number: 85-87787-24-1

Ricardo Lenz Editor

Lenz Representantes Associados Ltda

e-mail: lenz@ez-poa.com.br

C.G.C. 90882184/0001-53 Insc. Estadual 096/2795836

Endereço: Av. Farrapos, 146, salas 121/122 - 12º andar

Fone/Fax: 0XX-51-3228.1630 – 3226.1575

Porto Alegre - RS - Brasil - CEP 90220-000

Consulte nossa Livraria Virtual:

www.livrariaricardolenz.com.br

FISIONOMIA DOS CRIMINOSOS

1. FISIONOMIA

Sobre a fisionomia dos criminosos, fazem-se correr idéias na maior parte falsas. Os romancistas dotam estes homens de um aspecto medonho: barba quase até os olhos e olhar cintilante e feroz. Outros observadores, Casper, por exemplo, vão de um excesso a outro e não encontram qualquer diferença entre eles e o homem normal. Uns e outros estão enganados. Seguramente, do mesmo modo que há criminosos com notável capacidade craniana, com admiráveis conformações do crânio – como já dissemos – os há, sobretudo, entre os hábeis trapaceiros e também entre chefes de bandidos, onde a fisionomia é perfeitamente regular. Tal era o assassino de quem falou Lavater¹ e que parecia um anjo de Guide. Tal era o pretense coronel Pontis de Saint-Hélène que, por longo tempo, enganou a autoridade e a corte sobre os despojos daquele que, provavelmente, matara. Tais eram Holland, Lacenaire, Buchet, Lemaire, Sutler e o chefe de bandidos Carbone, uma das mais graciosas figuras napolitanas.

Mas essas são exceções que nos impressionam, que nos arrebatam por seu contraste e que se explicam quando verificamos que tais criminosos têm grande inteligência, a qual se ajunta uma certa gentileza de maneiras; bem mais freqüentes, certas características femininas da fisionomia dos criminosos, como a ausência de barba, a abundância da cabeleira, a palidez, de modo que vamos encontrar seu semblante melhor e mais gentil do que na realidade é.

Quando, à parte desses raros exemplos que formam a oligarquia do delito, estudando a massa inteira desses infelizes, como o fiz nas casas de detenção, conclui-se que, ainda que não tenham sempre uma fisionomia rebarbativa e assustadora, têm eles uma toda particular e quase especial a cada forma de criminalidade.

Entre os violadores (quando não são cretinos), quase sempre os olhos são salientes, a fisionomia é delicada, os lábios e as pálpebras são volumosos. A maior parte é frágil, loura, raquítica e, às vezes, corcunda. Os pederastas distinguem-se, freqüentemente, por uma elegância feminina, pelos cabelos longos e frisados e conservam, mesmo sob o uniforme das prisões, uma certa aparência feminina. A delicadeza da pele, o aspecto infantil, a abundância de cabelos – lisos e repartidos à moda das mulheres – são traços freqüentes entre esses infelizes. O mesmo

¹ Lavater, Johann Kaspar (1741-1801).

Escritor e filósofo suíço. Fundador da fisiognomia, realizou estudos sobre as condições de transe magnético, desenvolvidos posteriormente por Franz Anton Mesmer. Fragmentos fisiognômicos (1775-1778). Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

observamos também entre os incendiários, por exemplo no incendiário de Pesaro, apelidado *a mulher*, de que tinha, com efeito, o aspecto e as maneiras.

Os homicidas, os arrombadores, têm cabelos crespos, são deformados no crânio, têm possantes maxilares, zigomas enormes e freqüentes tatuagens; são cobertos de cicatrizes na cabeça e no tronco.

Os homicidas habituais têm o olhar vidrado, frio, imóvel, algumas vezes sangüíneo e injetado; o nariz, freqüentemente aquilino ou adunco como o das aves de rapina, sempre volumoso; os maxilares são robustos; as orelhas, longas; os zigomas largos; os cabelos crespos são abundantes e escuros. Com freqüência, a barba é escassa, os dentes caninos muito desenvolvidos; os lábios, finos; Muitas vezes há nistagmo² e contrações de um lado do rosto que mostram a saliência dos dentes caninos como um sinal de ameaça.

Um grande número de falsários e escroques que pude estudar apresentavam uma fisionomia, ou simulavam uma bonomia singular, qualquer coisa de clerical, e daí que, em suas tristes carreiras, contribuía para inspirar confiança em suas vítimas. Conheci-os com semblante pálido, olhos esgazeados ou muito pequenos, nariz torto, bem freqüentemente uma perda precoce dos cabelos e a face de uma mulher velha. Também eram eles, muitas vezes, filhos de pais idosos.

Em geral, muitos criminosos têm orelhas de abano, cabelos abundantes, barba escassa, sinos frontais e maxilares enormes, queixo quadrado e saliente, zigomas largos, os gestos freqüentes, em suma, um tipo aproximado do mongol, às vezes, do negro.

O costume, assaz freqüente entre os bandidos, de usar tranças e, dentre esses, os bravos, de portar *ciuffo*, como insígnia de seu feroz *métier*, dá-se, provavelmente, em razão de sua esplêndida cabeleira crespa e rebelde a qualquer penteado.

Carbone e Cavaglià, já abordados acima, tinham bela fisionomia, não apresentavam barba, mas cabelos longos e abundantes. Este também foi o caso de Abadie.

Giona La Gala tinha cabelos espessos e crespos, largos zigomas e lábio fino, o olhar vítreo e imóvel.

Troppmann, Mabile, Ducros tinham a fronte fugidia e o lábio superior fino, a barba rara, a cabeleira dura e as orelhas em abano.

Dumollard, violador e assassino, tinha o lábio superior deformado, a cabeleira escura e muito basta.

Billoir tinha cabelos negros, crespos e espessos.

Casper declara haver descoberto, em todos os assassinos, um olhar frio e glacial, quase marmóreo, freqüentemente os cabelos escuros. Havia um notável prognatismo em Helm, ausência de barba em Winck e Lucke, os zigomas enormes em Z., os lábios finos em Haube, as mãos enormes em Klausen, a boca fendida nos dois assassinos M. V. e Pullmann: este último apresentava freqüentes contrações no lábio esquerdo (*Mörder Physiognomie*, 1854).

² NISTAGMO – tremor espasmódico das pálpebras. Movimentos oscilatórios rápidos e involuntários do globo ocular em relação a um de seus eixos. Enciclopédia Brasileira Mérito (N. dos TT).

A. Scheffer pintou-nos Judas com face prognata e longas orelhas em abano. Tal é o Judas esculpido pela mão de um mestre ao pé da *Scala Santa* em Roma.

O Dr. Edouard Lefort, na muito bela monografia *Le Type criminel d'après les savants et les artistes* (Lyon, Storck, 1892), veio a demonstrar que, em todas as obras artísticas, em particular na pintura, o tipo criminal, tal como o constata cientificamente a nova escola, é completamente conhecido pelos grandes mestres, mesmo nos séculos mais recuados.

Assim, no *Massacre dos Inocentes* de Giotto³, um dos soldados executores têm o crânio estreito, os lábios espessos e prognatismo do maxilar.

No *Martírio* de Fra Angelico⁴ da Fiesole, um dos carrascos apresenta enorme desenvolvimento dos zigomas e dos maxilares.

Muitos condenados do *Juízo Final* de Michelangelo⁵ apresentam o tipo mongol ou negro, orelhas pontudas. Nesse afresco, encontramos também a cabeça do demônio com a fronte fugidia, o nariz pontudo, grandes orelhas em forma de cornetas.

Algumas figuras de condenados têm, a toda prova, um ar estúpido, idiota.

Em uma das telas de Andrea Mantegna⁶, representando um martírio, o carrasco, prestes a agir, tem uma cabeça hedionda: fronte fugidia, crânio desnudo, nariz achatado, lábios espessos, onde o inferior avança sobre um queixo quadrado.

Ticiano, no *Martírio de Saint Laurent* e no *Cristo Coroado de Espinhos*, mostra-nos os executores com cabeça maciça, fronte baixa, extraordinário desenvolvimento transversal da face, baixo implante frontal, cabelos abundantes, barba rala.

Rafael⁷, na *Ceia*, dá a Judas uma cabeça grande, sobrancelhas contraídas, lábio superior saliente.

No *Monte do Calvário* e no *Massacre dos Inocentes*, dá igualmente, aos executores, os lábios espessos, as sobrancelhas fortemente marcadas sobre os olhos e prognatismo dos maxilares, com predominância do diâmetro transversal da face e aumento do queixo.

³ Giotto (c.1267-1337).

Giotto di Bondone, pintor italiano. Revolucionou a arte da pintura ao criar a noção de tridimensionalidade. Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

⁴ Angelico, fra (1387-1455).

Giovanni da Fiesole ou Guido da Pietro, pintor italiano. Situado na transição da Idade Média para o Renascimento, distinguíu-se por seus afrescos.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

⁵ Michelangelo (1475-1564).

Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, pintor, escultor e arquiteto italiano. Artista de gênio incontestável, símbolo do humanismo renascentista.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

⁶ Mantegna, Andrea (1431-1506).

Pintor italiano. Primeiro representante do Renascimento no norte do país, iniciou uma tradição de decoração de afrescos.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

⁷ Rafael (1483-1520).

Raffaello Sanzio, pintor e arquiteto italiano. Representante maior do classicismo renascentista em seu país. Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

Paul Caliati, chamado *O Veronês*⁸, na *Crucificação* e no *Jesus Pendente da Cruz*, mostra-nos os carrascos em figuras de idiotas, de assimetria vertical, cabelos em tufo, barba rala, parte superior do rosto mais larga que a inferior, boca recuada, lábios contraídos, apófises zigomáticas enormes.

Os soldados e carrasco de Carracci⁹, em seu *Coroamento de Espinhos* e na *Flagelação*, têm o olhar perverso, a cabeça quadrada, as sobrelhas muito arqueadas, o nariz chato, a boca larga e os lábios contraídos.

Entre os mestres das escolas flamenga, espanhola, francesa, encontramos repetidos os mesmos caracteres.

Rubens¹⁰ retratou Judith com a cabeça decepada de Holofernes que aparece com um enorme maxilar, com lábios grossos e salientes.

Ribera¹¹, dito *O Espanhol*, no *Martírio de São Bartolomeu* e no *Suplício de Saint Laurent*, mostra-nos o carrasco e os assassinos com o olhar fixo e maldoso, o nariz longo e forte, a face muito grande em relação ao volume do crânio, as bossas frontais salientes, a fronte fugidia, grandes orelhas mal conformadas e pontudas; o crânio fortemente achatado na região párieto-frontal e – ao contrário – exuberante na parte cerebelosa.

Enfim, Cousin¹², no *Último Julgamento*; Poussin, no *Martírio de São Bartolomeu*; e, em nossos dias, Horace Vernet¹³, nos *Bandidos*; Géricault, na *Cabeça de um Supliciado*; Fourau, na *Cabeça de Fieschi*; e Ary Schefer, no *Beijo de Judas* mostram os carrascos, os bandidos, os demônios, com traços fisionômicos relacionados, com grande exatidão, àqueles dos criminosos natos – nosso tipo criminal – assim como os retratados por Wiertz.

A arqueologia nos revela, como bem o demonstra Mayor em sua *Monografia dos Césares*, 1886, que Tibério¹⁴ tinha orelhas em abano, assimetria facial e o maxilar

⁸ Veronese (1528-1588).

Paolo Caliari, pintor italiano. Um dos mestres da escola veneziana, notável pelo domínio da cor em obras de temas bíblicos, históricos e alegóricos.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

⁹ Carracci, Lodovico (1555-1619).

Pintor italiano. Participou, com seus primos Agostino e Annibale, da fundação da Accademia di Belle Arti, em Bolonha. Antecipou propostas estéticas do barroco. "Conversão de São Paulo".

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

¹⁰ Rubens (1577-1640).

Petrus Paulus Rubens, pintor flamengo. Um dos grandes mestres da arte barroca, famoso sobretudo pela exuberância de suas telas com temas mitológicos.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

¹¹ Ribera, José de (1591-1652).

Pintor espanhol, cognominado Lo Spagnoletto. Radicado na Itália, tornou-se um dos principais representantes do realismo barroco do Século XVIII.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

¹² Cousin, João.

Pintor francês nascido em 1500 e morto em 1590. Enciclopédia Brasileira Mérito (N. dos TT.).

¹³ Vernet, Horace (1789-1863).

Pintor francês. Retratou ações ao ar livre na guerra e na caça durante o I e o II impérios. "Caça ao javali", "Napoleão passando suas tropas em revista nas Tulherias", "Retrato de um jovem oficial".

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

¹⁴ Tibério

volumoso. Calígula¹⁵ tinha uma expressão sinistra, cruel e desconfiada, uma contração ameaçadora no canto da boca, o semblante pálido, os lábios finos, o olhar fixo e

O reinado de Tibério, segundo imperador romano, contribuiu para o assentamento do poderio de Roma de tal modo que, graças a ele, o império foi capaz de sobreviver aos lendários excessos de seus líderes.

Tibério Cláudio Nero nasceu em 16 de novembro de 42 a.C. em Roma. Filho do magistrado Tibério Cláudio Nero e de Lúvia Drusila, o menino e seu irmão Druso passaram a fazer parte da família imperial mediante o segundo casamento de sua mãe com Augusto. Educado para a carreira militar, Tibério fez brilhantes campanhas na Panônia e na Dalmácia, que lhe garantiram o apoio popular.

Casado com a filha de Marcos Agripa, Vipsânia Agripina, Tibério divorciou-se por ordem do imperador após a morte do sogro, em 12 a.C., e desposou Júlia, filha de Augusto e viúva em terceiras núpcias de Agripa. Seis anos depois foi designado tribuno, mas ante a comprometedor situação em que o deixava a vida libertina de sua mulher, e temeroso de denunciá-la a Augusto, decidiu-se por um exílio voluntário na ilha de Rodes, deixando Júlia em Roma.

A morte dos candidatos à sucessão do trono, Lúcio César e Caio, assim como o desterro de Júlia na ilha de Pandatária, permitiram o regresso de Tibério a Roma. Este obteve novas vitórias na Germânia e, ao ser adotado por Augusto no ano 4 da era cristã, tornou-se o segundo homem no poder em Roma. Com a morte de Augusto, no ano 14, o Senado elegeu-o sucessor com o nome de Tibério Júlio César Augusto, mas ele só foi proclamado três anos depois.

Em seus primeiros anos de governo, regularizou a economia pela redução dos gastos públicos, assegurou as fronteiras por meio de uma política conservadora que prescindiu das invasões, consolidou as instituições e reduziu o poder do Senado, reforçou também a Marinha, exilou a comunidade judaica e determinou o fim dos duelos de gladiadores.

O abalo pela morte do filho Druso, no ano 23, fez com que Tibério delegasse poderes a seus conselheiros, sobretudo a Lúcio Sejano, com o que cresceram a corrupção e a prática da delação. Em 27, temendo ser assassinado, Tibério retirou-se para a ilha de Capri, de onde governava por intermédio de Sejano. Este, porém, tramou a queda do imperador e foi por ele condenado à morte no ano 31. Tibério então adotou Calígula como filho e sucessor.

Pelo resto da vida, o imperador submeteu Roma a um regime de terror que, juntamente com a amoralidade reinante em Capri, formou a base de sua reputação. Muitas são as divergências quanto ao grau de veracidade de seus desatinos, mas é certo que deixou o império solidamente estabelecido. Tibério morreu em Capri, em 16 de março de 37.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT).

¹⁵ Calígula

As inúmeras arbitrariedades e extravagâncias atribuídas ao imperador romano Calígula, em sua breve passagem pelo poder, têm sido tradicionalmente atribuídas a problemas mentais.

Filho de Germânico César e de Agripina, Calígula nasceu em Anzio, no Lácio, em 31 de agosto do ano 12. Seu verdadeiro nome era Caio César (Caius Caesar); em sua infância, porém, os soldados de seu pai o apelidaram de Calígula, como alusão às suas pequenas sandálias militares ou caligae. O imperador Tibério, seu tio-avô, adotou-o como herdeiro; assim, à morte deste no ano 37, Calígula foi aclamado novo imperador romano pelo povo e pelo Senado.

Nos primeiros meses de seu reinado, Calígula exerceu uma política de acentuado tom demagógico, com medidas como a redução de impostos e anistia geral, o que lhe granjeou alguma popularidade. Vítima de uma enfermidade que lhe afetou a mente, logo começou a cometer suas célebres extravagâncias.

Com Calígula, os gastos públicos descontrolaram-se; quando o erário estava quase exaurido, ordenou a execução, por diferentes motivos, dos romanos mais ricos para confiscar-lhes os bens. Obcecado pelo poder e pela religião do Egito, considerou-se uma divindade, mandou colocar sua estátua em vários templos, entre eles o de Jerusalém, difundiu o culto egípcio da deusa Ísis e manteve relacionamento incestuoso com sua irmã Drusila, no estilo da dinastia dos Ptolomeus.

Por volta do ano 40, Calígula realizou uma expedição à Germânia para sufocar uma rebelião do general Cornélio Léntulo Getúlio e outra à Gália, com o fito de conquistar a Bretanha. Anexou o reino da Mauritânia e, na Judéia, nomeou rei seu amigo Herodes Agripa. Diversas conspirações, como a do senador Marco Emílio Lépido, foram urdidas contra Calígula, que acabou morrendo em Roma a 24 de janeiro do ano 41, em um complô armado por Cássio Quéreas, tribuno da guarda. Cláudio sucedeu-o no trono.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT).

terrível, os maxilares fortes e assimétricos, o lado esquerdo da fossa zigomática mais desenvolvido.

Nero¹⁶ apresentava uma forte assimetria da face, maxilares fortes, grandes orelhas ligeiramente afastadas e mais os sinos muito salientes, fronte baixa e ligeiro estrabismo.

Balzac¹⁷ nos descreve o trapaceiro Du Tillet com cabelos muito negros, como se houvessem sido pintados.

¹⁶ Nero

Descendente de uma das principais famílias romanas, imperador de Roma de 54 a 68 da era cristã, Nero tornou-se tristemente célebre por seu governo despótico. Responsável pela primeira perseguição contra os cristãos, foi acusado de ter provocado o incêndio que destruiu Roma durante seu reinado.

Lúcio Domício Enobarbo, conhecido como Nero Cláudio César Augusto Germânico, nasceu em Âncio em 15 de novembro do ano 37. Filho de Domício Enobarbo e de Agripina, a Jovem, bisneta de Augusto, foi adotado por Cláudio, a quem sucedeu no poder. Agripina eliminou os partidários de Britânico, filho de Cláudio, e induziu Nero a casar-se com Otávia, filha do imperador. Quando Cláudio morreu, provavelmente assassinado, no ano 54, Nero foi proclamado imperador.

Nos primeiros anos de reinado, sob a influência de seu preceptor, o filósofo Sêneca, Nero exerceu um governo equilibrado. Houve, porém, em sua conduta uma verdadeira subversão moral. Mandou matar Britânico em 55, Agripina em 59, Otávia em 62, e afastou Sêneca. Passou a exercer um governo despótico e cruel e entregou-se à libertinagem. Vaidoso de pretensos dotes artísticos e de cavalaria, instituiu os jogos chamados Juvenália e Neronis e exibiu-se nos teatros e nos circos como histrião. Favoreceu cultos orientais estranhos à tradição romana e recorreu fartamente aos processos por traição para confiscar bens dos ricos e nobres.

Foi acusado de ter provocado o incêndio de Roma, no ano de 64, a pretexto do qual moveu intensa perseguição aos cristãos. Suas extravagâncias e arbitrariedades provocaram o descontentamento no meio militar e a oposição da aristocracia. Sucederam-se as conspirações e as condenações à morte. Em 65, Nero esmagou uma conspiração contra seu governo e condenou à morte 18 acusados, entre os quais Sêneca e o poeta Lucano. Teve de enfrentar as insurreições na Bretanha, em 60 ou 61, e a rebelião judaica, iniciada em 66. No ano 68, Sêrvio Sulpício Galba, governador da Espanha, marchou contra Roma. Depois que o Senado reconheceu Galba como novo imperador, Nero foi obrigado a deixar a cidade e suicidou-se em 9 de junho daquele ano.

Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT).

¹⁷ Balzac, Honoré de

Patrono do romance no Ocidente, Balzac é também, ao mesmo tempo, um historiador de costumes: sua minúcia documentária coloca-o na posição de precursor do realismo literário. O realismo, embora perpassado de elementos românticos e efeitos melodramáticos, é a característica central de sua obra, e tanto os tipos sociais quanto o meio ambiente fornecem à matéria romanesca a dimensão histórica que lhe serve de apoio.

Romancista francês, Honoré de Balzac nasceu em Tours em 20 de maio de 1799. Após estudos no colégio dos oratorianos em Vendôme, decidiu em Paris, por volta de 1818, dedicar-se apenas à literatura, contrariando o desejo da família, que queria vê-lo advogado. A primeira peça que escreveu, Cromwell (1820), não chegou a ser encenada. Insistiu porém na escolha e continuou a escrever, preferindo agora a ficção, graças sobretudo ao estímulo de Laure de Berny, uma das muitas mulheres da alta sociedade que ao longo de sua vida prestaram-lhe apoio moral e financeiro.

Nos anos seguintes publicou, sob os pseudônimos de Lord R'Hoone e de Horace de Saint-Aubin, uma série de romances menores, posteriormente agrupados sob o título geral de *Romans de jeunesse* (Romances da juventude). Tais livros, embora se submetessem à moda dos folhetins e a influências diversas, já revelavam um incipiente talento.

A partir desse início, suas obras iriam suceder-se em velocidade espantosa: num período de vinte anos, Balzac publicou cerca de noventa romances e novelas, trinta contos e cinco peças de teatro. Paralelamente levou vida mundana, frequentando os salões parisienses, viajando muito e procurando em vão um meio de enriquecer, objetivo que perseguiu pela vida ante o assédio permanente de seus credores.

De 1825 a 1828, sempre na expectativa de enriquecer, Balzac se lançou aos negócios: associou-se a um livreiro, comprou uma tipografia e se fez editor. Em 1829, após uma série de fracassos editoriais que acentuou suas dificuldades financeiras, conheceu enfim o sucesso com o primeiro romance que lançou com seu verdadeiro nome,

Le Dernier Chouan (O último chouan), sendo "chouan" o nome dado aos insurrectos da Vendéia e da Bretanha em 1800.

Vislumbrou por essa época uma carreira política, esposando opiniões monarquistas e católicas. Em janeiro de 1833 principiou sua correspondência com a condessa polonesa Éveline Hanska, conhecida como *l'Etrangère*, que o admirava e com a qual se casaria mais tarde.

O fluxo criador de Balzac pode ser desdobrado em três etapas: a primeira, que se estende até 1829, foi um período de aprendizagem; a segunda, de 1834 a 1842, de consolidação de seu sistema novelístico; e a terceira, de 1842 a 1850, de unificação desse universo literário sob o título geral de *La Comédie humaine* (A comédia humana), alusivo à Divina comédia de Dante.

O êxito do primeiro romance foi confirmado nos anos que se seguiram por títulos como *La Peau de chagrin* (1831; A pele de onagro), *Le Chef-d'oeuvre inconnu* (1832; A obra-prima desconhecida), *La Recherche de l'absolu* (1832; A busca do absoluto), *Eugénie Grandet* (1833) e, sobretudo, *Le Père Goriot* (1834; O pai Goriot), onde começam a reaparecer personagens de livros anteriores, com o fim específico de conferir à obra encadeada o caráter global de espelho da sociedade francesa, em particular parisiense, na primeira metade do Século XIX.

O mundo novelístico de Balzac é a primeira expressão coerente das potencialidades oferecidas pela revolução francesa e que então se concretizavam no plano social, econômico, político e individual, principalmente pelas transformações ocorridas na propriedade das terras, o que explica o interesse do romancista pela nova burguesia e pela decadência da aristocracia; o grande papel dos notários em sua obra; e a ausência da classe operária, que não participava desse processo. O pano de fundo dos enredos são as estruturas e instituições advindas do império napoleônico e da irrupção dominante da burguesia. Paradoxalmente, foi o monarquista e legitimista Balzac quem revelou à Europa e ao mundo ocidental as conseqüências irreversíveis da revolução francesa.

Já nos romances da fase intermediária, que são a base de sua reputação, Balzac mostra obsessão pelos detalhes: seus heróis são seres de carne e osso que comem, bebem e se relacionam sob o domínio de paixões fortes. Deles se fica conhecendo exaustivamente o físico, o vestuário, o prestígio, a fortuna, a posição social e o domicílio.

A criação dos romances obedece a uma progressiva diversificação de situações, de personagens, de destinos humanos. Por suas qualidades, pela amplitude da área social tratada, pela técnica de que se vale o autor para a liberação das forças psicológicas nos personagens que movimenta, é forçoso admitir que, como gênero literário, a história do romance no Ocidente se divide em duas metades: antes e depois de Balzac.

Organização da "Comédia humana". A idéia de agrupar num todo a extensa obra narrativa, sob um só título genérico, levou tempo para ser posta em prática, embora fosse antiga nas cogitações do escritor. A primeira edição da Comédia humana, com o título escolhido por Balzac em 1842, começou a ser publicada, nesse mesmo ano, em 17 volumes. Em 1845, para a segunda edição, foi adotado o plano, seguido pelas edições mais modernas. Nele, o agrupamento das obras obedece ao seguinte esquema: (1) Estudos de costumes no Século XIX: (a) cenas da vida privada; (b) cenas da vida de província; (c) cenas da vida parisiense; (d) cenas da vida política; (e) cenas da vida militar; (f) cenas da vida rural. (2) Estudos filosóficos. (3) Estudos analíticos.

São inúmeras, nesses três grupos em que estão ordenadas, as obras-primas geradas pela fecundidade criadora de Balzac, como, além das já citadas, *La Maison du chat qui pelote* (1830; A casa do gato que brinca), *La Bourse* (1832; A bolsa de valores), *La Femme de trente ans* (1831-1834; A mulher de trinta anos), *Illusions perdues* (1843; Ilusões perdidas), *Les Paysans* (1845; Os camponeses).

Através dos vários romances da Comédia humana, conforme o rumo adotado desde *Le Père Goriot*, os personagens -- mais de dois mil ao todo -- aparecem e reaparecem segundo os vários níveis de suas vidas, num percurso contínuo que cobre todas as áreas sociais. A idéia central é que o dinheiro é o móvel fundamental da vida humana, sobrepondo-se sua busca a quaisquer outros interesses, sejam políticos, religiosos ou familiares. Induzido pela voga científica da época, Balzac pretendeu aplicar às descrições de pessoas, com seus hábitos e sentimentos, seus ideais e paixões, o mesmo espírito analítico com que os cientistas descreviam os animais e as plantas. Foi o primeiro a reunir num ciclo de romances o estudo da vida social inteira, processo que seria seguido, entre outros, por Zola.

Em 1850, já gravemente enfermo, Balzac se casou com Éveline Hanska, e em 18 de agosto desse mesmo ano faleceu em Paris. A edição definitiva da Comédia humana, que saiu postumamente entre 1869 e 1876, constava de 137 romances, cinqüenta dos quais tinham ficado incompletos (*Encyclopaedia Britannica* do Brasil).

Como exemplo do tipo de descrição literária dos criminosos, temos, no romance *A Prima Bette*, vol. X da Comédia Humana, a passagem que segue: *Vitorino sentiu um íntimo terror, por assim dizer, ao defrontar-se com a horrorosa velha. Embora ricamente vestida, ela causava medo com os sinais de fria maldade que apresentava a sua cara chata, horrivelmente enrugada, branca e musculosa. Marat, se fosse mulher e estivesse naquela idade, teria sido, como a Sra. De Saint-Estève, uma imagem viva do terror. A velha sinistra refletia nos pequenos olhos claros a cupidez sanguinária dos tigres. Seu nariz esborrachado, cujas narinas enormes, de buracos ovais, sopravam o fogo do inferno, lembrava o bico das piores aves de rapina. Os longos pelos de barba, crescidos ao acaso em todos os*

Bret-Harte¹⁸ representa a adúltera sob os traços de uma mulher extraordinariamente pálida, que não enrubescia jamais.

Dostoiewski¹⁹, na *Casa dos Mortos*, nos descreve o criminoso nato maciço, prognata, sem barba, etc.

buracos do rosto, denunciavam a virilidade de seus projetos. Quem quer que visse essa mulher pensaria que todos os pintores teriam errado na cara de Mefistófeles. Além de numerosos personagens do mundo criminal, no romance *Esplendores e Misérias das Cortesãs*, vol. IX, Balzac nos descreve o carro no qual eram transportados os prisioneiros: *Essa ignóbil carruagem de caixa amarela, montada sobre duas rodas e chapeada de ferro, é dividida em dois compartimentos. Há na frente um banquinho forrado de couro. É a parte livre do cesto de salada, destinada a um oficial de diligências e a um gendarme. Uma sólida grade de ferro separa, em toda a altura e largura do carro, essa espécie de cabriolé do segundo compartimento onde estão dois bancos de pau dispostos, como nos ônibus, aos lados da caixa e nos quais os presos vão sentados; eles são introduzidos aí por meio de um estribo e por uma portinhola sem posição no fundo da carruagem. Para mais segurança, na previsão de algum acidente, a carruagem é seguida por um gendarme a cavalo, principalmente se conduz prisioneiros condenados à morte. Assim sendo, a evasão torna-se impossível.* Do mesmo romance, outra mulher extraída do mundo do crime, que se disfarçara de vendedora ambulante, é assim descrita: *Era uma vendedeira de hortaliça tão genuína que, se ao tempo houvesse fiscais, haviam de deixá-la circular sem lhe pedirem a licença, apesar da fisionomia sinistra que tresandava a crime. A cabeça, coberta com um lenço ordinário de algodão quadriculado em farrapos, eriçava-se de madeixas rebeldes que denunciavam uns cabelos semelhantes a cerdas de javali. O pescoço vermelho e engelhado causava horror, e o fichu não dissimulava inteiramente a pele curtida pelo sol, pela poeira e pela lama. O vestido parecia uma tapeçaria. Os sapatos faziam cada careta que pareciam estar troçando da cara tão rota como o vestido. E que corpete! Um emplastro não seria tão imundo... A dez passos, aquele trapo ambulante havia de bulir com o olfato das pessoas delicadas. As mãos nunca em sua vida tinham visto água. Aquela mulher ou vinha de alguma assembleia noturna de bruxas ou de algum asilo de mendicidade. Mas que olhar, que inteligência ousada, que vida reprimida quando os raios magnéticos de seus olhos e os de Jacques Collin se encontraram para trocar uma idéia! Não é só isso. Balzac nos testemunha ainda o pensamento da época em que se aproximavam os conceitos do criminoso e do louco. Do mesmo romance: *O crime e a loucura têm suas parecências. Ver os presos da Conciergerie no pátio ou ver doidos no jardim de uma casa de saúde é a mesma coisa. Presos e doidos passeiam evitando-se. Lançando uns aos outros olhares estranhos ou atrezes, conforme seus pensamentos, nunca sérios nem alegres; porque se conhecem ou se temem. A expectativa de uma condenação, os remorsos, as ansiedades, dão aos passeantes do pátio o ar inquieto e esgazeados dos doidos. Só os criminosos consumados têm um aprumo que semelha a tranqüilidade de uma vida honesta, a sinceridade de uma consciência pura.* (N. dos TT.).*

¹⁸ Francis Brett Harte, escritor americano. Autor de histórias sobre a vida dos mineiros e cowboys do oeste americano. Um dos criadores da novela de costumes americana. Histórias dos argonautas (1875). Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT.).

¹⁹ Dostoiewski, Fiodor

A obra do romancista russo Dostoiewski foi uma das mais influentes de seu tempo e a que mais fascínio despertou, quer pelos conflitos de seus personagens, quer por seus temas invulgarmente complexos e, sobretudo, pela intensidade passional da ação que se desenrola em seus enredos.

Fiodor Mikhailovitch Dostoiewski nasceu em Moscou em 11 de novembro (30 de outubro, segundo o calendário juliano) de 1821. Mikhail Andreievitch, seu pai, era médico do Hospital dos Pobres, onde residia com a mulher, Maria Fiodorovna Netchaiev. O futuro escritor cresceu nesse ambiente. Em 1831 a família mudou-se para Tula, perto de Moscou, onde Fiodor e seus quatro irmãos desfrutaram de vida mais livre do autoritarismo paterno.

Em 1834 Fiodor e Mikhail, o irmão mais velho, foram para o Liceu Tchernak de Moscou e, três anos mais tarde, perderam a mãe. Dostoiewski cursou em seguida a Escola de Engenharia Militar. Em 1839, seu pai foi assassinado por servos revoltados contra sua conduta despótica: o fato causou forte comoção no jovem Fiodor. Começava a projetar-se nos meios culturais e a frequentar um círculo de socialistas.

Preso em abril de 1849, em dezembro se viu condenado ao fuzilamento. Já sob a tensão dos preparativos, recebeu a notícia da comutação da pena pelo czar. Lembranças angustiadas desse episódio doloroso povoariam toda sua obra posterior. A sentença foi transformada em exílio na Sibéria, com trabalhos forçados, e Dostoiewski ficou preso na fortaleza de Omsk por quatro anos. Sofreu então o primeiro ataque de epilepsia, doença que o perseguiu por muito tempo. Libertado em 1854, retomou a atividade literária e fundou, com o irmão Mikhail, a revista *Vremia*, suspensa depois pelo governo.

Casou-se duas vezes: a primeira, em 1857, com Maria Dmitrievna Issaiev, e depois com Anna Grigorievna Snitkina, a quem, premido pelas dívidas acumuladas, ditaria, em 1866, o romance *Igrok* (O jogador), obra de

fundo autobiográfico, escrita em apenas 26 dias para saldar dívidas com um editor. Com a segunda mulher foi finalmente feliz, apesar das recaídas no vício do jogo.

Produção ficcional. A prosa de ficção dostoiévskiana parece ter percorrido um roteiro inverso ao de sua vida, pois se tornou progressivamente mais intrincada. Seu interesse primordial seria traçar um painel realista das paixões e misérias do povo russo e é esse o tema do romance *Biednie liudi* (1846; Gente pobre), que despertou a admiração do poeta Viktor Nekrassov e do crítico Vissarion G. Bielinski. Este previu que o público seria cada vez mais exigente em relação ao escritor.

A crítica dividiu-se quanto a *Gente pobre*, mas as criações que se seguiram só confirmaram a importância crescente do autor na cena literária: Em *Dvoinik* (1846; O sócia), *Bielie notchi* (1848; Noites brancas) e *Nietotchka Niezvanova* (1849) Dostoiévski aprofunda temas como a miséria material indissociável da miséria moral, as aspirações que colidem com as restrições mesquinhas da realidade e os limites a que todos estão submetidos, inclusive em suas próprias consciências.

Desde cedo, porém, a intenção não é apenas de denúncia social e de exposição realista dos problemas humanos: comunica sempre a angústia de seus dilemas morais e metafísicos. Nessas primeiras obras estão lançadas as sementes dos inquietantes motivos do futuro. Em 1861 surgiu *Unijenie i oskorbionie* (Humilhados e ofendidos), na revista *Vremia*. Deliberadamente elaborada em estilo de folhetim, a obra desagradou parte da crítica. Embora consciente de suas falhas, Dostoiévski defendeu-a publicamente.

Em 1855 já reunia notas para as *Zapiski iz mertvogo doma* (1861; Recordações da casa dos mortos), livro que representou um divisor de águas em sua obra, no sentido da procura de níveis mais profundos da consciência do real e sua ambivalência. A publicação desse livro causou enorme repercussão, embora o autor tivesse de negociar com a censura algumas restrições. A experiência da vida no presídio, narrada em forma de romance, levou o autor a tratar de problemas relacionados com a culpa e a punição pelo crime, a própria realidade do mal em si e os limites da ação humana dentro da ordem social.

Assim, nas *Recordações* se acha efetivamente o germe de obras posteriores, particularmente *Prestuplenie i nakazanie* (1866; Crime e castigo). A pungência do relato causou impacto em toda parte, inclusive entre os escritores. Tolstói disse que era aquele "o mais belo livro da nova literatura, incluindo Puchkin". Não havia nele, no entanto, nenhuma intenção de denúncia, só de testemunho, assim mesmo disfarçado de ficção. A partir de dados reais, construiu-se uma parábola da culpa e da punição.

Em 1864 começou a aparecer em *Epokha*, nova revista dos irmãos Dostoiévski, *Zapiski iz podpolia* (Notas do subterrâneo), novela que mais tarde a crítica considerou o grande salto do autor para os romances filosóficos que se seguiram. Na época não chamou a atenção, mas posteriormente foi vista como momento crucial para a explicação do universo ideológico dostoiévskiano e interpretada como libelo contra o sistema racionalista dominante.

Todo o ano de 1866, quando foi publicado *Crime e castigo*, seria de expectativa para uma legião de leitores fascinados com o destino de Raskolnikov, estudante e homicida perseguido pela memória de seu crime. Raskolnikov, paupérrimo, resolve matar uma miserável e inútil usurária, para salvar a si próprio e a sua família; comete o crime, mas logo se vê obrigado a assassinar outra pessoa, inocente, e sai sem ter roubado nada; as dúvidas o devoram, seu duelo de conversas com o comissário de polícia destrói-lhe os nervos e, por fim, confessa o crime a uma prostituta que lhe mostra o caminho do arrependimento e do Evangelho. Dostoiévski identificava o problema central dos limites da liberdade de ação humana, mas também sugeria as possibilidades de redenção pelo crime.

Muitas de suas ambivalências provocaram polêmicas. Ainda que os problemas fossem suscitados em caráter genérico, não faltaram acusações segundo as quais Dostoiévski estaria "caluniando" a classe dos estudantes e coisas semelhantes. O êxito da obra abafou todas as críticas, se bem que poucos alcançassem seu significado final, muito além das questões sociais e mais de ordem metafísica. No mesmo ano de 1866 Dostoiévski escreveu *O jogador*, obra que retrata sua paixão pelo jogo e pela estudante Polina Suslova. Apesar do tom circunstancial, é brilhante em sua mescla de pathos e humor irresistível.

Em 1868 apareceu o *Idiot* (O idiota), talvez o romance mais típico de Dostoiévski, que provocou perplexidade geral nos meios intelectuais. Mesmo um inimigo como o conde Saltikov (N. Chchedrin), parodiado na obra, não deixou de reconhecer o valor de muitas partes do romance, assim como Tolstói, que, embora reclamasse de sua construção "caótica", se encantou com a obra. Em meio a paixões, crimes e baixezas de todo tipo, o príncipe Michkin é uma espécie de Dom Quixote do cristianismo mais puro, um ideal daquilo pelo que o próprio Dostoiévski ansiava desesperadamente e em que não conseguiu acreditar. Pois o cristianismo do escritor é radical, mais impuro e não sabe resistir às tentações da carne e da vontade demoníaca de destruir.

Na época, porém, perguntava-se aonde queria chegar Dostoiévski com aquela atmosfera "de demência", conforme um de seus críticos. O príncipe Michkin é idealizado como uma antítese de Raskolnikov. Se este acha que pode tudo, o príncipe é a vítima de tudo que o circunda, mas uma vítima eleita, imagem simbólica do eslavismo cristão do autor, vencido pelas forças maléficas desencadeadas a seu redor.

2. PESQUISA

Mas a antropologia quer as cifras e não as descrições isoladas e gerais, sobretudo quando elas devem se aplicar à psiquiatria e à medicinal legal.

Vou ainda apresentar o que pude recolher graças à ajuda de Marro, Ottolengui e Gradenigo²⁰.

3. CABELOS

Em comparando 500 pessoas honestas com 500 criminosos da mesma região (Piemonte), encontramos as seguintes cifras:

Cabelos	Assassinato %	Agressão %	Violação %
Negros	45,0	42,0	23,0
Castanhos	42,0	46,0	41,7
Louros	12,5	12,0	35,0
Ruivos	-	-	-

Em 1871 iniciou-se a publicação de *Besi* (Os demônios). A obra, recebida como um libelo contra o movimento revolucionário russo, foi alvo de numerosos ataques na imprensa: até o equilíbrio mental do autor foi posto em dúvida. A posteridade, contudo, apesar dos inegáveis aspectos antianarquistas e anti-socialistas do romance (para muitos, mais apropriadamente Os endemoninhados), julgou-o principalmente como aprofundamento de um quadro reflexivo delineado desde Crime e castigo.

De certa forma há personagens com ecos de Raskolnikov, como o endemoninhado Stravoguin, cuja confissão de ter seduzido uma menina chegou a ser proibida pela censura, ou como Kirilov, que pratica o suicídio filosófico para afirmar sua liberdade ante a inexistência de Deus. Mais que panfleto político, a obra trazia um quadro de especulações metafísicas que tangenciavam o delírio e foi por tais aspectos que continuou a suscitar controvérsias.

Em 1875 *Podrostok* (O adolescente) começou a ser publicado e, como sempre, despertou muitas acusações de imoralidade e de falseamento da realidade russa. Diante das incontáveis intrigas que se sucedem na trama, e que parecem interpenetrar-se de maneira abissal, Saltikov definiu-a como "simplesmente maluca". A série de equívocos e de situações cambiantes em que o herói se vê enredado parece colocar a "verdade" como algo fluido, que sempre escapa. No fim o jovem herói parece chegar a uma compreensão própria da realidade, sacrificando a idealização que fizera dela.

Dostoievski morreu em São Petersburgo, em 9 de fevereiro (28 de janeiro, segundo o calendário juliano) de 1881. Sua influência sobre toda a literatura universal do Século XX foi avassaladora. E sem Dostoievski não teriam sido possíveis as pesquisas em profundidade de psicólogos como Nietzsche e Freud, além de um conhecimento, por assim dizer íntimo, dos motivos da alienação humana e dos caminhos para sua superação (Encyclopaedia Britannica do Brasil).

Da obra citada por Lombroso, Recordações da Casa dos Mortos, extraímos: *Gazin era uma criatura terrível, causando em todos uma impressão apavorante. Acho impossível existir alguém mais hediondo e selvagem, apesar de haver visto Tobolsk o criminoso Kameniev, célebre por seus morticínios, e de haver visto mais tarde Sokolov, desertor do exército, tenebroso assassino. Nenhum deles me causou a impressão repugnante que me deu Gazin. Sempre que o vi, posteriormente, foi como se deparasse com uma aranha descomunal do tamanho de um homem. Era oriundo da Tartária e incrivelmente forte, o presidiário mais robusto de toda a prisão. Não muito alto, mas dum arcabouço de Hércules com uma cabeça desproporcionada, horripilante; caminhava meio vergado e olhava de baixo para cima, como o touro que vai marrar, com uns olhos esbugalhados.* (N. dos TT.).

²⁰ *Antropometria e psicologia di 500 criminali*, 1886.

Cabelos	Roubo em Estradas %	Incêndio %	Estelionato %
Negros	33,3	57,0	44,7
Castanhos	46,0	42,0	35,5
Louros	20,5	-	19,7
Ruivos	-	-	-

Cabelos	Arrombamento %	Furto com destreza %	Furto simples %
Negros	45,0	50,0	42,8
Castanhos	42,5	40,0	42,8
Louros	10,0	7,0	14,2
Ruivos	2,5	2,5	-

Cabelos	Furto Doméstico %	Vagabundagem %	Normais %	Média de Criminosos %
Negros	56,2	42,1	27,0	43,0
Castanhos	37,5	55,9	39,0	43,0
Louros	6,2	1,3	30,0	13,0
Ruivos	-	2,6	3,0	0,7

Os cabelos negros e os castanhos são mais freqüentes entre os criminosos, enquanto os louros são inferiores de um terço – 13 a 33. O máximo de cabelos negros encontra-se entre os incendiários e os ladrões; o mínimo, entre os violadores. O máximo de castanhos nos é dado pelos desocupados, pelos agressores, pelos ladrões de estradas. Os louros não se encontram em maioria senão entre violadores e escroques. Os ruivos (apesar do que dizem os provérbios) são muito pouco freqüentes.

Eis a confirmação por um outro estudo entre 860 criminosos do Piemonte:

83,6% com cabelos castanhos (normais 39%)

15,6% com cabelos louros (normais 30%)

0,61% com cabelos ruivos (normais 3%)

Marro, sobre 507 criminosos, encontrou 10% com cabelos escassos, enquanto que 44% os tinham fartos ou crespos, com um máximo de 53% entre os vagabundos e de 47% entre os assassinos, os rebeldes e os ladrões de estradas, e um mínimo de 31% entre os escroques.

A raridade ou a ausência da barba já a constatei, entre os criminosos, 23 vezes em 100 (Marro, 3,9%) e, entre os alienados, 18 vezes em 100 somente.

Os escroques tinham quase sempre a barba espessa; os ladrões e os agressores, mais rala.

Os menores apresentaram, na proporção de 18%, a barba abundante, o que não se encontra jamais entre os menores normais.

4. ÍRIS

Bertillon, sobre 4.000 criminosos, encontrou 33,2% com a íris de cor marrom; 22,4% de cor castanho escura; 32,4% de cor amarela ou avermelhada; e 12% despigmentadas ou com reflexos esverdeados (*Rev. Scient.*, 1885).

As cifras revelam uma certa freqüência de íris escuras: infelizmente, não dispomos de comparações com os normais.

Através de um estudo feito por Ottolenghi sobre 1620 criminosos e 900 normais da mesma região (Piemonte), encontrei:

Íris	Normais %	Criminosos %	Ladrões %
Marrom	63,9	59,5	59,6
Azul	29,0	35,8	34,9
Esverdeada	7,0	4,7	5,4

Íris	Agressores %	Violadores %	Escroques %	Homicidas %
Marrom	62,8	47,4	48,1	63,0
Azul	32,7	49,2	50,6	34,0
Esverdeada	4,5	3,4	1,2	2,2

Isso demonstra uma maior quantidade de íris azuis entre os criminosos, sobretudo escroques e violadores.

Observei também, entre os criminosos, uma proporção triplicada (0,3) de assimetrias cromáticas da íris, quando comparados aos normais (0,013).

5. ESTRABISMO

O estrabismo apresenta-se em 5% dos ladrões e dos escroques e em 2,5% dos assassinos (normais, 0,02%).

6. ORELHAS²¹

Marro observou que 7,8% dos criminosos têm as orelhas em abano. Já eu observei tal característica em 38,7%, enquanto que, entre os normais, não encontrei mais que 20%.

O professor Gradenigo estudou o pavilhão auricular em uma muito ampla escala²².

Os sujeitos observados eram muito numerosos. Em outro exame cuidadoso de 650 pessoas (350 homens, 300 mulheres), passou rapidamente em revista os pavilhões de 25.000 pessoas em Turim (15.000 homens, 10.000 mulheres). Foram examinados 330 alienados (180 homens, 150 mulheres), 76 cretinos (50 homens, 26 mulheres), 352 criminosos típicos (304 homens, 48 mulheres).

Eis os resultados:

Orelhas	Homens Criminosos %	Homens Honestos %	Mulheres Honestas %	Mulheres Loucas %
Pavilhão regular	29,2	50,55	62	46
Lóbulos aderentes	25	26	13	39
Em abano	24	12,15	3,2	4,2
Wildermuth	18	6,2	9,12	6,26

Entre as pessoas honestas, as orelhas em abano são, portanto, aproximadamente 50% mais freqüentes entre os homens que entre as mulheres; as orelhas de Wildermuth²³, ao contrário, são mais freqüentes entre aquelas.

As anomalias da conformação do pavilhão encontram-se, portanto, aproximadamente duas vezes mais freqüentes entre os criminosos que entre os adultos honestos de Turim. Quanto ao número de lóbulos aderentes, a exceção que resulta das cifras não é mais que aparente, porque, entre os criminosos, se encontram muito freqüentemente os lóbulos aderentes prolongados ao longo da bochecha, espécie de

²¹ "Anomalias da Orelha: a ausência de orla externa (hélix) na orelha; a saliência exagerada da ante-hélix; a concha ou fossa escafóide dividida em duas porções pelo prolongamento saliente da raiz da hélix; o lóbulo aderente ou pendente, séssil, como brinco, são sinais de degeneração. Os orelha assimétricas em tamanho e forma; a implantação delas, achatadas ou em asa (hábito tuberculoso?) também. Sinais particulares são o otematoma, encontrado por FÉRÉ nos degenerados epiléticos; o tubérculo de Darwin, saliência em ponta, superior ou em cima e dos lados, no hélix desenrolado, dando lugar ao que se chamou *orelha pontuda bestial*; orelha de Morel, achatada, em lâmina, sem hélix, ante-hélix, fossa escafóide, ou apenas aparentes essas minúcias de forma; orelha de Wildermuth, em que há uma saliência predominante no ante-hélix sobre o pequeno rebordo do hélix e mínima escavação da fossa escafóide; orelhas de Stahl, em que há diversas anomalias, ora deformações por enrolamento do hélix em cima, ora esgalhamento saliente do ante-hélix (curva furcata), para dentro e para fora, dividindo o avilão em duas partes, ora ainda hélix, ante-hélix e fossa escafóide pouco pronunciadas". Afrânio PEIXOTO, Medicina Legal, vol. II, Livraria Francisco Alves Editora, 1938. (N. dos TT.).

²² *Giornale della R. Accademia di Torino*, nº 8,9,10, 1889 - *Annales des maladies des oreilles*, outubro, 1889. - *Comptes-rendus du Congrès international d'otologie*, p. 144, Paris, 1889.

²³ Esta anomalia é caracterizada pela saliência mais acentuada da ante-hélice comparativamente à hélice.

anomalia mais grave que os lóbulos simplesmente aderentes. De mais, Gradenigo constatou, entre os criminosos, uma frequência toda particular de orelhas de Darwin, más formações da hélice e da ante-hélice e de assimetrias de implantação, etc.

De outra parte, resulta dessas pesquisas que a proporção percentual de anomalias do pavilhão varia sensivelmente – mesmo em se fazendo uma abstração do sexo – segundo a região, a cidade, a classe social e, mesmo, para certas anomalias, segundo a idade.

Foi encontrado um número muito considerável de orelhas em abano entre as crianças (25%), em relação aos adultos (12,5%).

Encontra-se assim uma estranha inclinação, à direita ou à esquerda, das seguintes anomalias:

Orelhas	Normais	Criminosos	Alienados	Mulheres Normais	Mulheres Loucas
Em abano à direita	1	4	10	-	5
Em abano à esquerda	5	15	38	-	3
Com outras anomalias à direita	21	38	38	2	29
Com outras anomalias à esquerda	26	17	24	2	16

Isso demonstra que tais anomalias aparecem, em grande número, à direita entre os loucos e os criminosos.

Segundo um estudo de Frigerio²⁴:

O ângulo áurico-temporal ultrapassa 90° em condições normais, com cifras de pouco inferiores àquelas constatadas entre os loucos e os criminosos.

A média percentual tende a aumentar do homem são ao alienado e ao criminosos.

Ela é ultrapassada entre os macacos, sobre os quais é, raramente, inferior a 100°.

O índice da concha e do pavilhão decresce entre os indivíduos são da primeira idade à idade adulta.

Parece que a ampliação do ângulo áurico-temporal liga-se ao desenvolvimento da inteligência.

²⁴ *Archives d'anthrop. Criminell*, 1888.

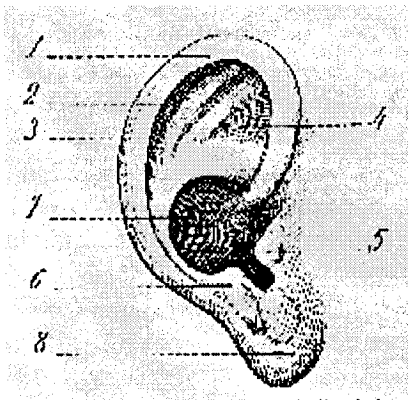
A maior variação do índice da concha comparada àquela do pavilhão, entre os indivíduos sãos, permite acreditar que, da primeira idade à velhice, existe, especialmente na concha, um maior desenvolvimento no sentido longitudinal que no transversal.

De acordo com o índice médio da concha, os alienados e os criminosos se sucedem, como segue, em ordem decrescente: não hereditários 0,69%; degenerados e violadores 0,67%; ladrões de estradas 0,66%; homicidas 0,65%; ladrões e falsários 0,65%; hereditários 0,64%; incendiários 0,60%.

Frigério chegou a esses resultados que não pude controlar graças ao otômetro, instrumento que enriqueceu os laboratórios dos antropologistas criminais.

ORELHA²⁵

1. Hélice
2. Canal da ante-hélice
3. Ante-hélice
4. Fosseta escafóide da ante-hélice
5. Trago – pequena saliência na entrada do ouvido externo, recoberta de pelos na idade avançada.
6. Antetrago
7. Cavidade da concha
8. Lóbulo



7. NARIZ²⁶

19 criminosos em 500 apresentavam nariz torto à direita ou à esquerda: precisamente a mesma proporção que entre homens normais (3%). Os violadores, 2 sobre 40, apresentam a anomalia e 5 outros tinham nariz com três lóbulos ou excessivamente grosso. Essa deformidade é ainda mais freqüente entre aqueles que apresentam o nariz achatado.

O nariz desmesuradamente longo encontra-se 2 vezes sobre 100; assim Perello, ladrão de Turim, tinha um nariz longo de 4 centímetros.

²⁵ Ilustração retirada da obra de A. LACASSAGNE, *Précis de Médecine Légale*, Paris, 1909, Masson & Cia Ed. (N. dos TT).

²⁶ "Anomalias do Nariz: no nariz, há que atender aos sinais étnicos – nariz chato ou levantado, conforme o índice, divididos em platirríneos, mesorríneos, leptorríneos; e sinais degenerativos e mórbidos. O desvio de septo para a direita ou esquerda é talvez o mais apontado desses estigmas." Afrânio PEIXOTO, *Medicina Legal*, vol. II, Livraria Francisco Alves Editora, 1938. (N. dos TT.).

Ottolenghi estudou, mais em detalhe, a forma do nariz, seu perfil, sua base, seu comprimento, sua protuberância (segundo as regras traçadas por Bertillon)²⁷, entre 630 normais, 392 criminosos, 40 epiléticos e 10 cretinos.

O criminosos, em geral, apresentam o nariz retilíneo (60,31%), a base horizontal (60,97%), de comprimento médio (48,73%), antes largo (54,14%), muito protuberante (38,53%), freqüentemente desviado (48,13%).

Entre os criminosos, pode-se determinar suficientemente bem o nariz do ladrão e o do violador.

O ladrão apresenta, em grande parte, o nariz retilíneo (40,4%); freqüentemente côncavo (23,32%); a base levantada (32,13%); freqüentemente curto (30,92%); largo (53,28%); achatado (31,33%); e muitas vezes desviado (37,5%).

Os violadores têm, freqüentemente, o nariz retilíneo (54,5%); achatado (50%); e desviado (50%); mas de dimensões médias.

Entre os normais, o nariz é quase adunco (26,87%); quase ondulado (25,4%); quase longo (57,7%); de largura média (54,8%); a base muito freqüentemente baixa (42%); e muito raramente torto (6%); sobretudo protuberante (30%).

Vemos assim que o perfil mais freqüentemente retilíneo e a direção desviada distinguem o nariz do criminoso daquele do normal. O comprimento, a largura e a protuberância distinguem suficientemente, entre outras, os diferentes tipos criminais.

O nariz do epilético é freqüentemente ondulado (42,8%) e adunco (32,8%); horizontal na base (73,3%); muito longo (74%); muitas vezes bem largo (30%); freqüentemente desviado (25%); quase sempre protuberante (59,94%).

8. DENTES

Em 4% de homicidas, nota-se o desenvolvimento desmesurado dos dentes caninos. Em 7%, os dentes apresentam outras irregularidades, tais como ausência dos incisivos laterais, sua semelhança com os caninos e a má formação destes ou sua superposição.

9. PARTES GENITAIS

Encontrei partes genitais anormais em 2% de agressores, 2,6% de escroques, 5% de violadores, 1% de ladrões. Penta, em 15% de grandes criminosos.

²⁷ *Archives d'anthropologie.* – Paris, 1887.

10. PROPORÇÕES DAS ANOMALIAS

Em estudando 400 criminosos, os mais cruéis, Penta encontrou as seguintes anomalias, nas proporções percentuais de:

- Prognatismo alveolar, 45
- Zigomas grandes e salientes, 37
- Mandíbulas grandes, 29
- Sinos frontais muito grandes, 30
- Arcadas orbitais salientes, 21
- Queixo grande, quadrado, reentrado, 27
- Fronte baixa e estreita, 19
- Fronte fugidia, 22
- Orelhas desiguais, 24
- Orelhas em abano, 35
- Orelhas de macaco, 5,6
- Orelhas com tubérculos de Darwin, 45
- Hematrofia facial, 18
- Assimetria facial, 15
- Hematrofia craniana, 5
- Hematrofia de todo o corpo, 7
- Apêndices lemurianos dos maxilares, 1,5
- Microftalmia, 3
- Hematoma do ouvido, 1,5
- Boca muito grande, 2
- Nariz achatado, 6
- Nariz trilobado, 3
- Nariz de macaco, 1
- Lábio leporino, 1
- Mamilos femininos, 2,20
- Mamilos supranumerários, 3
- Bócio, 2,50
- Anomalias das partes genitais, 15,50
- Dentes anômalos, 22,50
- Estrabismo paralítico, 5
- Desigualdade no piscar das pálpebras, 10,5
- Nanismo, 2,1
- Escoliose, 7,0

Acrescente-se Marro, com:

Hérnias, 6,2

Varicoceles, 6

Escoliose, 1,5

Novus pilaris, 1,5

Palidez da face, 31,9, com um máximo, entre os homicidas, de 35%

11. INFANTILIDADE

Brouardel descreveu-nos, no Congresso de Antropologia Criminal de Paris (atas do congresso, etc, 1891), uma série de anomalias que omiti (e esta é uma grande lacuna), sobre o criminoso meio afeminado.

“A inteligência – escreve ele – do rapaz parisiense é viva, seu espírito, precoce. Em geral pequeno, ele é alerta, pronto à réplica, inteligente, muito ágil e desembaraçado.

“Se o pai bêbado não assume seus deveres de chefe de família, é freqüente que o filho ou a filha de 11 a 12 anos tornem-se tais. Cinco ou seis anos mais tarde, o pirralho continua pequeno como então. Tem um espírito lento e desprovido de vontade. Sofre um tempo de atraso por ocasião da puberdade. Sua conformação corporal permanece como que estacionária.

“A verga é delgada. Os testículos, pequenos. Os pêlos, raros. A pele é glabra e a barba mal espalhada.

“O esqueleto não parece masculino. A bacia alarga-se, as formas se tornam cheias, por conta da gordura que invade o tecido subcutâneo e faz inchar os seios”.

Esse estado anatômico persiste e é observado em indivíduos de 25 a 30 anos que apresentam o mesmo aspecto.

Assim, num homem de 32 anos, encontrei, na autópsia, uma atrofia dos órgãos genitais: a bexiga, a próstata, os corpos cavernosos eram os de um menino.

Por volta dos dezesseis, dezoito anos, esses infantis adquirem certa corpulência. Suas formas tonam-se arredondadas e adquirem um porte feminino.

As duas características predominantes da degenerescência do rapaz das grandes cidades, a despeito de toda influência escolar, são o estiolamento intelectual e a inaptidão genésica.

Os fatores que concorrem para esse estiolamento são complexos, tais como o trabalho em oficinas, a permanência em lugares pouco salubres, a libertinagem precoce, o alcoolismo prematuro.

“Do ponto de vista psíquico, encontramos um espírito céptico, debochado, indiferente a tudo e, sobretudo do ponto de vista moral, uma completa ausência de

noções do bem e do mal. Essas jovens criaturas podem parecer brilhantes quando narram um fato do qual foram testemunhas, mas, se quiserdes saber em que eles pensam, vos apercebereis de que eles em nada pensam, absolutamente, porque não possuem qualquer opinião e jamais a idéia do remorso germinou em suas consciências”.

Os infantis não possuem as aptidões genésicas desenvolvidas para o sexo masculino da raça humana. Como têm eles, de qualquer sorte, um desenvolvimento feminino do ponto de vista somático, são rapidamente arregimentados por agentes da pederastia.

“Vejam – continua o já citado Brouardel – agora em que se torna o mesmo tipo dentre a burguesia. Pergunte aos pais o que pensam eles de seus filhos quando tem eles dez a doze anos. É sempre um menino prodígio e, de fato, é ele esperto, espirituoso em seus ditos, o que, em certa idade, torna-se um fato interessante. Pois aguardem o momento da puberdade: o crescimento é difícil, sobretudo irregular; observei um que, em três anos, ganhou 2 centímetros de altura e, a seguir, em três meses, cresceu 12. Às vezes, mesmo certas partes do corpo têm um crescimento desproporcional às outras e quando, por exemplo, o pé e o encaixe da tibia e do perônio não se desenvolvem simultaneamente, podem resultar dores na região do torso. Tudo isso não aparece sem perturbações gerais: dispepsia, anorexia, neurastenia, etc. Ao mesmo tempo, sobrevêm, em alguns, a obesidade de que já falamos mais acima”.

Do ponto de vista genésico, encontramos o mesmo atraso agravado em razão de diversos acidentes; bem freqüentemente Brouardel teve ocasião de abrir, em jovens de doze a quinze anos, abscessos mamários. O mesmo fato foi sinalado em Lyon, Lille, Rouanne, todas cidades operárias e manufaturarias.

12. CUMULAÇÃO DE ANOMALIAS

É bem freqüente que as anomalias se encontrem reunidas em um único sujeito. Marro e eu descobrimos, em criminosos, tal acúmulo em 60% dos casos; porém, entre criminosos natos (bandidos e homicidas), monta a 90%.

Penta encontrou, com efeito:

Sem anomalias.....3%

Com 3 anomalias.....3%

Com 3 ou mais anomalias.....93%

Veja-se, por exemplo, o romanhol trococéfalo, raivoso violador, com longas orelhas em abano, a fronte baixa, os olhos oblíquos, o nariz achatado, os maxilares enormes.

13. ATAVISMO

É bem assim que tais anomalias recordam as raças selvagens, mesmo os antropóides²⁸.

Um violador siciliano, um ladrão, três assassinos apresentavam obliquidade do orbital, arredondamento do crânio, saliência e distância dos zigomas, maxilar quadrado e compacto e uma cor amarelada da pele, aparentando assim uma exata reprodução do tipo mongol. Alguns, como Cartouche e O., pela frente fugidia, a pequenez do crânio e a saliência da face, aproximam-se do tipo simiesco.

Nos criminosos, tal reunião de anomalias, sobretudo atávicas (algumas são patológicas: por exemplo, a assimetria) nos dizem que eles tem o tipo criminal.

14. TIPO – OBJEÇÕES

Topinard²⁹ recusou-me o direito de afirmar a existência de um tipo criminal, pois que eu mesmo convenho que o tipo falta completamente algumas vezes.

Ora, não há dúvida de que, se a aceção da idéia de um tipo liga-se a sua completa universalidade, não a podemos aceitar. Mas já escrevi, em minhas primeiras obras, que se deve acolher tais idéias com a mesma reserva com que nos colocamos a apreciar as médias estatísticas. Quando dizemos que a vida média é de trinta e dois anos, e que o mês mais fatal à vida é o mês de dezembro, pessoa alguma entenderá por isto que todos, ou quase todos os homens, deverão morrer aos trinta e dois anos e no mês de dezembro.

E não sou eu o único a fazer tal restrição: para demonstrá-lo, citarei literalmente as definições que nos dá, em sua obra³⁰, Topinard, ele mesmo, o mais obstinado de meus adversários:

“O tipo, diz Gratiolet, é uma *impressão sintética*. O tipo, diz Goethe, é *a imagem abstrata e geral*, que deduzimos da observação das partes comuns e das diferenças. *O tipo de uma espécie* – acrescenta Isidore-G Saint-Hilaire – *não se mostra jamais a nossos olhos e não aparece senão a nosso espírito*. *Os tipos humanos* – escreve Broca – *não têm uma existência positiva: são concepções abstratas, ideais, que emanam da comparação das variedades étnicas e compõe-se da mistura de caracteres comuns a certo número dentre eles*”.

“Nós aquiescemos plenamente a tais maneiras de ver: o tipo é bem uma mistura de traços, mas em relação ao grupo que o caracteriza. É, pois, uma mistura de traços *os*

²⁸ Antropóides.

Nome genérico dos macacos da superfamília dos hominoídeos. Inclui o chimpanzé, o gorila e o orangotango. Encyclopaedia Britannica do Brasil (N. dos TT).

²⁹ Paulo Topinard nasceu em 1830 e morreu em 1911. Foi médico e antropologista francês. Formou-se em medicina em 1855. Trabalhou com Broca, sucedendo-o em 1880, quando se tornou Secretário Geral da Sociedade de Antropologia.

³⁰ TOPINARD, *Eléments d'anthropologie générale*, p. 191 e seguintes – Paris, 1885.

mais acentuados e que se repetem mais frequentemente. Daí uma série de conseqüências que o antropologista, em seu laboratório, perante diversas populações da África Central, não deve perder de vista jamais.

“O tipo – diz Isidore-G Saint-Hilaire, é uma sorte de ponto fixo e de centro comum em torno do qual as diferenças presentes são como que desvios em sentido diverso, e oscilações quase indefinidamente variáveis, em torno das quais a natureza parece brincar, como diziam outrora os anatomistas, e como se diz, ainda, nas línguas germânicas.

“Um exemplo parece inútil após uma pintura tão perfeita. Tomemos, contudo, uma série de crânios, uma centena em boas condições de homogeneidade, tais, por exemplo, como a primeira série e Auvergnais estudada por Broca, que provinham de um antigo cemitério de montanha, numa localidade afastada, e nos lembremos, de uma vez por todas, que os crânios representam indivíduos com certa vantagem, pois os podemos manejar à vontade, medi-los e dispor deles facilmente.

“No primeiro golpe de vista, o que ressalta são suas diferenças: não há dois absolutamente semelhantes. Após esforços reiterados, devemos nos resignar: por um ponto ou por outro, todos são diferentes. Todos diferem. Todavia, há algumas exceções quase inteiramente rebeldes que lhes dão um ar de família, relacionando-os entre si. De outra parte, os distanciamentos – por exemplo, uma série de cem bascos do litoral e, com mais forte razão, uma série de cem neocaledônios mais longínquos. Esse ar de família é mesmo muito pronunciado entre alguns. Se, procedendo-se à análise dos caracteres e mensurando-os o melhor possível, o relatório dirá, numa visão aproximada, o que têm eles de mais ou menos braquicéfalos, de mais ou menos ortognatas, de mais ou menos mesorrinos, etc. Tomando então as cifras que, num mesmo crânio, são a expressão numérica do grau desses caracteres e dispondo-as em série, segundo o método que descreveremos mais tarde, vemos que um certo grau do índice cefálico, por exemplo, repete-se um maior número de vezes, e que níveis abaixo, acima ou em torno vão diminuindo de freqüência. O mesmo para o prognatismo, a mesorrinia, e assim pelos vinte seguintes caracteres. O crânio que apresentaria reunidos graus de cada caracter mais repetidos, exprimiria, então, o máximo de combinações de caracteres comuns à série. Resumiria ele o *ar de família* procurado, realizando o tipo perfeito. Mas tal crânio ideal não existe. A série seria de milhares, e ele não se encontraria, talvez, novamente.

“Pela mensuração dos caracteres cranianos e a operação dada nas médias, Broca obteve aquilo que chamou *crânio médio* da série. Mas tal crânio, possuindo exatamente todas as dimensões médias obtidas, ou ao menos todas as relações médias, reproduzindo a forma média, senão o volume médio, é um artifício. Não responde rigorosamente nem ao crânio ideal, determinado pelo proceder da seriação de todos, nem a um crânio real qualquer da série. Um acaso somente pode dar o crânio médio ou o crânio típico.

“O tipo de uma série de crânios ou de indivíduos não é uma realidade palpável, mas o produto de um trabalho, um desejo, uma esperança, uma imagem abstrata e geral, segundo a expressão de Goethe. O resultado seria o mesmo, se, em lugar de

proceder matematicamente, por uma série de mensurações, procedêssemos pelos sentidos, pelo tato, conservando a lembrança da fisionomia de cada crânio; rejeitando os traços excepcionais, exaltando aqueles que se repetissem mais, em maior contraste com aqueles de outros grupos, criando, no espírito, uma resultante típica, uma quintessência dos caracteres.

“O tipo de uma espécie, de uma raça, de um povo, de uma série de crânios, melhor dizendo, de um grupo qualquer, é pois a mistura de caracteres os mais marcados, os mais constantes no grau desejado e os mais flagrantes com relação àqueles de outros grupos.

“E vá dizer-se que tais caracteres não pesam o mesmo na balança. Existem os fracos e os decisivos e, para servir-me da verdadeira expressão, os característicos. Pode-se dizer que, às vezes, algum, tomado isoladamente, não apresenta grande significação, e que sua importância resultou de seu número. Existem assim os tipos bons, maus e indiferentes, os tipos seguros e os duvidosos. Uma questão se coloca então: a que número mínimo de caracteres úteis um tipo pode se reduzir? Tal questão se coloca, mas não se resolve. Trata-se do julgamento de alguém e do rigor que exige o caso particular a decidir. Na prática, dois ou três bons caracteres físicos reunidos são freqüentemente uma boa fortuna e contentam, quando se apoiam em considerações e, sobretudo, em caracteres fisiológicos, históricos, etc”.

15. TIPO ADMITIDO POR MEUS ADVERSÁRIOS

Tal tipo é admitido praticamente por aqueles que o negam *a priori*.

“Nós entendemos – escreve Zaborowski, nesses dias diretor de um estabelecimento penitenciário, adversário de Lombroso que narra: cada vez que detemos um rapaz por qualquer delito, enviamos sua fotografia aos diretores de todas as penitenciárias. Quase sempre, os diretores o reconhecem todos como um de seus antigos pensionistas. Dessa sorte, o rapaz detido encontra-se sempre dotado de diversos estados civis por vez. Eis uma prova categórica da parecença dos jovens criminosos entre si. A pessoa que narra esse fato é sempre, aliás, surpreendida pelas similitudes das fisionomias que oferecem os jovens de diferentes grupos desses pensionistas”.

Vejamos Laurent que, bem freqüentemente em sua obra, ridiculariza os resultados da antropologia criminal e nega a existência do tipo. É ele, com efeito, que escreve:

“É preciso ter em grande conta o seguinte: certas fisionomias que parecem absolutamente características não são, na realidade, senão puro efeito do acaso” (*sic*). Ora, ele mesmo escreve, na mesma página: “Arrumaremos um dia, na enfermaria central, um pobre diabo que sofreu 12 ou 15 condenações, todas por caça ou pesca ilegal. Será um homem pequeno, magro, ossudo, não sabendo nem ler nem escrever e que por toda a vida teve apenas uma única paixão: a caça. Ele terá uma frente

pequena, fugidia e desnuda, os lábios franzinos e apertados, olhos pequenos, encovados, amarelados, com pálpebras piscantes, um nariz magro e pontudo recurvado sobre uma boca desdentada; uma verdadeira cabeça de ave de rapina.

“Estou agora, nesse momento, deitando os olhos sobre a história de um homem com *face de bruto*, bêbado, em quem as incursões noturnas não são mais que agradáveis passeios ao campo”.

M., com a idade de quarenta e três anos, vendedor ambulante em Paris, sofreu já quatro condenações, uma por ultraje à autoridade, outra por rixa e duas por roubos.

Suas *orelhas, longas e separadas, seu nariz fortemente desviado* à direita dão a sua fisionomia um aspecto singular que se exagera ainda por uma mancha vermelha congênita na Íris direita, destacada sobre a cor azul uniforme do órgão.

Tal é, ainda, o bêbado vagabundo condenado mais de 25 vezes com o *nariz muito desviado* à direita.

E ele observou um criminoso no qual este desvio do nariz era hereditário.

Joly, em seu artigo *Nos jeunes détenus (Archives de l'anthropologie criminelle, 1880, XXVI)*, nos faz o retrato moral, que não pode ser pior, de alguns jovens criminosos célebres. Afirmou não haver encontrado entre eles nenhum que se relacionasse com o tipo criminal.

Infelizmente para ele, dá-nos, nas fotografias, seus retratos físicos. E bem: é suficiente uma vista de olhos para ver o quão grande é a frequência do tipo criminal entre esses indivíduos. Mécréant e Ribot tinham as orelhas sésseis, o apêndice lemuriano do maxilar, como Kaps e Lepage, que apresentavam ainda estrabismo duplo, o primeiro, os sinos frontais enormes; Icantron tinha bócio, orelhas sésseis, assimetria facial, sinos, zigomas e maxilares enormes. Tudo isso à vista das fotografias que nos dão sempre uma fraca imagem da fisionomia.

Lepage (Leon-Joseph), com a idade de dezesseis anos, acusado de tentativa de assassinato e de roubo, foi um dos jovens detentos que não apresentavam o tipo, segundo Joly.

Lepage é normalmente desenvolvido, segundo Garnier e Joly, mas não se guardaram de negar que ele tinha os lábios finos e o olhar audacioso. Acrescentam depois:

“*A bossa frontal esquerda é ligeiramente mais saliente que a direita. O maxilar inferior oferece exagerado desenvolvimento. Os órgãos sexuais são os de um adulto*”.

No livro de Macé (*Mon musée criminel, 1891*), que apresenta muitas fotografias de criminosos, vemos:

Em 6 escroques, encontramos 5 com o tipo: 83%

Em 9 proxenetas criminosos, encontramos 5 com o tipo: 55%

Em 8 sodomitas, encontramos 1 com o tipo: 12%³¹

³¹ Os outros sodomitas tinham todos uma fisionomia feminina.

Em 52 assassinos, encontramos 22 com o tipo: 42%

Em 5 prostitutas, encontramos 2 com o tipo: 40%

Em 15 ladrões, encontramos 8 com o tipo: 50%

Mas o tipo criminal é mais assombroso nas fotografias e na biografia de jovens delinquentes que, segundo Joly, não apresentam a fisionomia criminal.

“Os jovens agrupados na prancha XVI, diz Macé, ele mesmo³², representam os tipos perfeitos de jovens celerados originários de Paris; são apelidados: *Queixudo*, *O Cometa*, *Trambiqueiro*, *Bico de Lâmpada*, *Mal-acabado*, *Cabeça de Ouro*, *Focinho de Peixe*, *Chinelo* e *Cara de Macaco*. Os três primeiros não tinham mais que nove anos.

“*Cabeça de Ouro* devia seu apelido à cor amarela dos cabelos, e *Focinho de Peixe* à forma de sua boca, semelhante àquela deste animal. O último, batizado de *Caru de Macaco* por seus camaradas, tinha, de acordo com eles, as feições de um símio³³.

“*Cara de Macaco* tinha a pele negra, os traços acentuados, os olhos duros, penetrantes, um meio fechado, outro aberto, ouvidos atentos; lembrava a fisionomia canalha de expressão feroz. Havia, por despeito, diz ele, afogado uma menina de treze anos, muito bela, com corpo já formado, que os despreocupados pais deixavam vagabundear. Longe de lamentar-se da atrocidade de seu ato, respondeu aos juizes: “A moleca não me queria, eu a empurrei na água”.

“*Queixudo* e *Mal-acabado* furavam os olhos dos animais do Jardim Botânico e deparavam vivos os pombos selvagens.

“*O Cometa*, *Trambiqueiro* e *Focinho de Peixe* faziam parte de um bando de malfeitores chefiado por *Osso com Tutano*, bandido que não tinha as ferramentas necessárias às infrações, introduziam-se, à noite, nas casas habitadas. Surpreendido por uma mulher, *Focinho de Peixe* não hesitou em aplicar uma violenta martelada em seu rosto.

“*Cabeça de Ouro*, com sua marcante constituição frontal, era de excepcional inteligência, toda concentrada na direção do mal. Praticava o roubo, dizendo: “*à la tire*”.

Do ponto de vista físico, os tipos são absolutamente dessemelhantes; mas, em os examinando com apuro, é fácil ler em seus semblantes que, do ponto de vista moral, as idéias, os sentimentos inferiores e comuns são idênticos, e isso, sobretudo, é que os marca com um mesmo sinete³⁴.

³² MACÉ, *Mon musée criminel*, 1891.

³³ Não é evidente, por esses apelidos, que os criminosos fazem uma idéia, ainda que não científica, do atavismo do tipo fisionômico de seus companheiros?

³⁴ A controvertida questão da existência do *tipo criminal*, ou sua inexistência, abalou profundamente a concepção clássica do Direito Penal. O mais curioso, entretanto, é que, apesar do descrédito, das críticas, do ridículo a que uma grande parte dos juristas e psiquiatras condenou LOMBROSO, os inquéritos policiais, e mesmo relatórios redigidos em processos penais, descreviam os indiciados e réus, fazendo uso de uma linguagem muito aproximada daquela que se encontra neste livro. O próprio AFRÂNIO PEIXOTO, em sua *Medicina Legal*, Vol. II, Livraria Francisco Alves, 1938 – autor este que rebate veementemente o trabalho de LOMBROSO – apresenta-nos trechos de inquéritos dos quais faziam parte relatórios médico-legais que falam por si mesmos, dando-nos, talvez, um importante testemunho de época. Vejamos: I) *Epilepsia, tentativas de homicídio, espancamentos, roubo*,

vagabundagem - Hygino José dos Santos, 25 anos, preto, do Ceará, recolhido à Penitenciária da Bahia. Desenvolvimento muscular considerável, 1m60 de altura, pele bronzeada, cabelos grossos, pouca barba, nariz achatado, zigomas salientes, orelhas implantadas obliquamente, mal orladas, lóbulo meio aderente. Desvio congênito, para fora, dos dedos grandes dos pés, de modo que o segundo dedo cavalga sobre os outros. Rugas precoces, cicatrizes diversas na fronte. Escafocefalia pronunciada; em seguida à apófise mastóide, para cima, apresenta duas excrescências ósseas volumosas; abóbada palatina angulosa, havendo no lado esquerdo uma saliência perto do bordo alveolar; apófise lemuriana à esquerda. Hérnia crural direita; fimose. Pederasta ativo e passivo; amor bestial, onanista ainda agora. Percepção e ideação demoradas; raciocínio imperfeito; religiosidade e afetividade pequenas; gosta de armas, especialmente de revólver, faca e um 'pedacinho de pau'. Sono agitado, sonhos pavorosos em que supõe sempre cair de grandes alturas. O pai morreu envenenado e era dado a lutas e rixas; a mãe, paranóica religiosa, completamente louca durante uma gravidez; tio epilético, criminoso de morte, irmã prostituta, irmão hereditário degenerado, perseguido por fobias diversas, impulsões criminais, assassino. O paciente tem tido doenças diversas: varíola, sarampo, malária, avaria. Não se recorda do primeiro acesso. Porém, tem tido vários, convulsivos, francamente epiléticos, durante os quais se urina e fere a língua. Incontinência de urina. De uma feita, por ocasião de um acesso palustre, ficou completamente alienado, saindo de casa e se internando pelo mato, até que no dia seguinte lhe referiram o fato, que terminara por uma crise convulsiva. Tem além disso, ausências, cefaléias intensas, obscurecimento da vista, que muitas vezes o lançam em um delírio furioso, raivas súbitas seguidas de impulsões criminais, e já praticado diversas tentativas de homicídio: esses acessos levam-no muitas vezes à inconsciência e são seguidos de crises de tremores. É um típico exemplo do caráter epilético; em curto prazo, conforme o dirija o seu mal, é de uma covardia e baixeza miseráveis ou de ousadia e coragem atrevidíssima. Nas proximidades das crises, é rixoso, provocador, perverso, e pratica gatunices e espancamentos. Outros exemplos: II) Epilepsia, roubos, espancamentos, tentativas de homicídio, rebeliões - Antônio Gregório de Oliveira, preto, roceiro, de Macaúbas, recolhido à Penitenciária da Bahia. Estatura 1m61, pele negra, cabelos grossos, olhos encovados, zigomas muito salientes: nariz curto, deprimido na raiz, narinas de aberturas assimétricas, orelhas mal orladas, de ante-hélice muito saliente e lóbulo quase aderente. Simetria facial, predominando o lado esquerdo. Deformação artificial, em ponta, dos incisivos. Mandíbula com apófise lemuriana muito notável à esquerda; abóbada palatina ogival. Masturbador precoce; amor bestial que já adulto não conseguiu evitar. Por maior que fosse o propósito no momento, quase inconscientemente era levado ao ato; além disso, pederasta; onanismo bucal. Percepção e ideação morosas, embrutecido, memória fraca, esqueceu a própria idade, atribuindo-se 20 anos, quando parece ter o dobro; nenhuma afetividade; pouco religioso. Gosta de armas, especialmente o fucão e a lazarina: sonhos e pesadelos horríveis o atormentam. Bebe pouco. Senso moral fraco, refere façanhas com ufania. Aos pais, não conheceu; tem um irmão bandido e criminosos de morte e um primo germano epilético. III) Manoel Benício dos Passos, vagabundo célebre no seu tempo e conhecido por "macaco beleza", pardo, 31 anos, da Bahia, recolhido à penitenciária. Estatura 1m83, pele cobreada, apresentando manchas e cicatrizes diversas, cabelos espessos, pouca barba, olhos pequenos, oferecendo um deles opacidade no cristalino e maior fenda pupilar; orelhas sem orla superior e de pequena orla recortada no resto do contorno; nariz chato, arcadas superciliares e zigomas salientes. Lábios grossos, boca rasgada, dentes estragados e implantados viciosamente. Abóbada palatina escavada. Maxila pesada, desenvolvida, ângulos acentuados, apófise lemuriana à direita. Percepção e ideação regulares; fala com desembaraço; abusa dos alcóolicos; fraca sexualidade; religioso; não gosta de armas; sabe ler e escrever. IV) Monoel Faustino Rodrigues, 24 anos, pardo, marítimo, de Santo Amaro, recolhido à Penitenciária da Bahia. Estatura 1m57, cabelos duros, nariz chato, orelhas mal orladas, especialmente a esquerda, sem orla superior, nem fosseta escafóide, que oferece um rudimento de tubérculo de Darwin e concha dividida em duas porções pela raiz da hélice que se prolonga até a ante-hélice. Cabeça triangular, assimetria crânio-facial, cárie e distema dentário dos incisivos inferiores. Incontinência de urina. Masturbação precoce e ainda atual; desdém pelas relações sexuais normais que veio a conhecer tardiamente. Percepção e raciocínio imperfeitos, lentos e custosos. Religiosidade fraca, afetividade nenhuma. V) Adão Benedito dos Santos, preto, lavrador de Vitória da Conquista, recolhido à penitenciária da Bahia. Alto, corpulento, cabelos duros e nariz chato da raça, zigomas e arcadas superciliares salientes. Chegado do sertão a Amargosa, empregou-se como trabalhador de uma fazenda de cafeeiros e aí casou-se, constituindo família. Bom trabalhador, não dado a vícios, cumpridor de seus tratos; foi extremoso chefe de família e geralmente querido. Até aí, gozava de excelente saúde, sem manifestação alguma epilética. De uma feita, numa feira em Amargosa, acusado injustamente como ladrão de uma cangalha que realmente era sua, foi conduzido à prisão por soldados que o bateram cruelmente (como é dos hábitos da polícia nacional...), dando-lhe duros golpes na cabeça, começando deste incidente o seu mal. Aparvalhado e indiferente a tudo, ou impelido por impulsões súbitas, começou a manifestar-se a doença por crises de convulsões, acessos de delírio ambulatório, nos quais, desnordeado, se internava pelo mato, tomado de alucinações internas e concepções delirantes, como a de intentar a edificação de casas em lugares elevados, para evitar o dilúvio, para o que fez

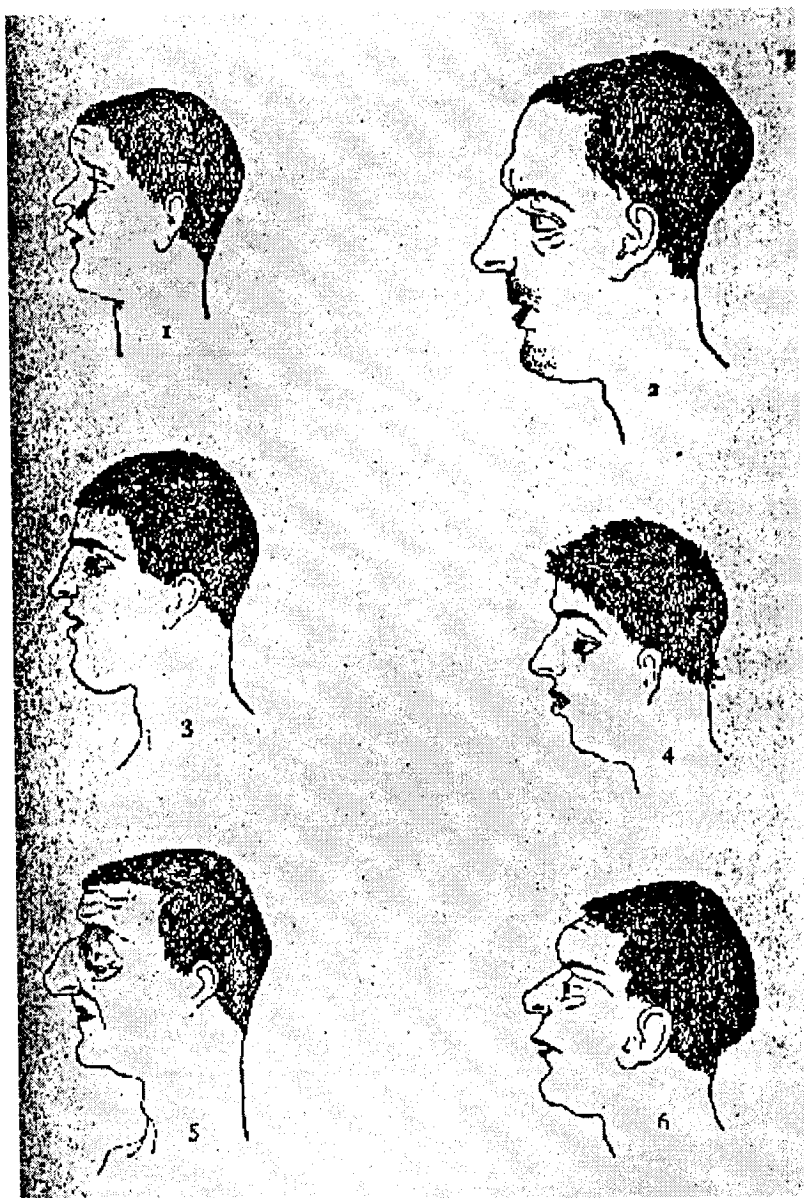
No livro de Havelok-Hellis (*The Criminal Man*, 1890), vemos os *croquis* de 36 criminosos em grande parte ladrões traçados de perfil pelo Dr. Vans Clarke, diretor da prisão de Woking. Tais *croquis* não têm o valor da fotografia e, além disso, estão reproduzidos de perfil, que não é a melhor forma de revelar as anomalias. Entretanto, em 25 sobre 26, está bem evidente a reunião de 5 ou 6 anomalias degenerativas, sobretudo deformações do crânio (prancha I, 2,3; prancha II, 1,2,5,6), platicéfalos (prancha I,1,3,5; prancha II, 1,5), sinos frontais cheios (prancha I, 1,3,5; prancha II, 2,5,6), enormes mandíbulas prognatas (prancha I, 1,2,3) ou oblíquas (4), zigomas salientes, orelhas enormes e deformadas (prancha I, 2,3,5; prancha II, 2,6), cabeça pequena em relação ao rosto enorme (prancha I, 1,2; prancha II, 1,2,5,6).

São todavia dignas de observação especial as pranchas onde o autor reproduziu 8 retratos de criminosos de Londres e da Escócia. Sobre esses 8 retratos, o tipo criminal reconhecia-se em 5; enquanto que, sobre 2 outros, não se revela mais que uma assimetria muito pouco pronunciada; quanto ao último, que não apresentava qualquer caráter degenerativo, era um escroque muito hábil, malgrado sua aparência de homem honesto que falava muito bem, além de sua língua materna, o francês, e o alemão. Aos trinta anos já apresentava cabelos brancos e calvície associados. Tinha olhos muito pequenos e encovados.

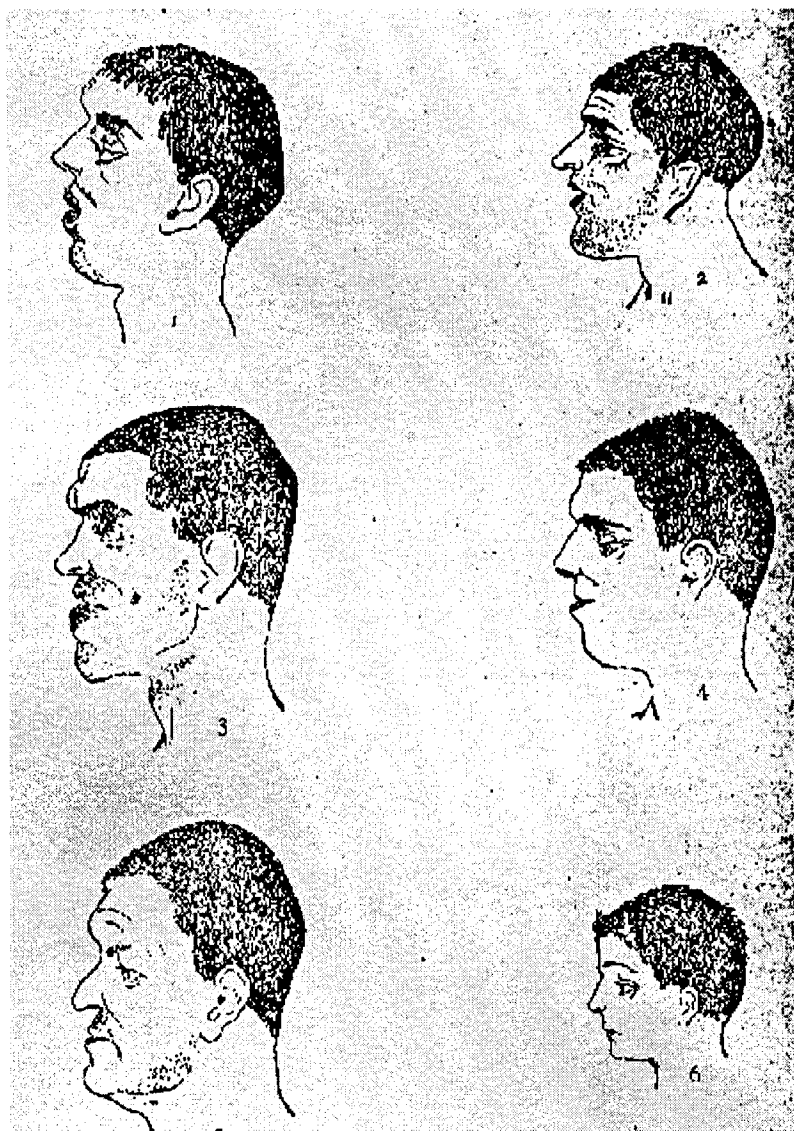
B. Solari (*Degeneration y crimen*, Buenos Aires, 1891) nos dá 9 magníficas fotografias de criminosos sul-americanos. Ora, em 9, o tipo sobressai em 5; 1 apenas não apresenta fisionomia maldosa, mas um semblante de mulher. Trata-se de um pederasta.

algumas escavações, etc. Um dia, após algumas horas de passeio com a família, pela fazenda, voltando para casa, foi agredido por uma crise procursiva, errando pelos matos de onde, com sacrifício, foi sua mulher arrancá-lo. Nesta mesma noite, sem motivação, ainda debaixo da influência do acesso, assassinou a mulher, que se achava em adiantado estado de gravidez, vibrando-lhe repetidos golpes na cabeça, nas mãos, nos braços e assim, nas mesmas circunstâncias, a um filho menor. Evadindo-se, armado, foi à fazenda onde, perguntado pela família, respondeu desconcertadamente, dizendo ora estar boa, ora doente, ora desatando a choros. Recolhido à penitenciária, permaneceu aí um ano e meses numa demência tranqüilla e pacífica, ou agitado e ansioso às vezes, vindo a falecer de varíola. O diagnóstico foi de uma degeneração epiléptica agudíssima, determinada por fortes traumatismos cranianos, precipitada em sua marcha, chegando ao termo da demência epiléptica. (N. dos TT.).

PRANCHA I



PRANCHA II



III

FOTOGRAFIAS E TIPOS DE CRIMINOSOS

1. OBJEÇÕES

A essas pesquisas, necessariamente incompletas, fizeram-se, desde o início, justas objeções. Há muitas pessoas honestas – diz-se – que, bem freqüentemente, apresentam um ou outro desses caracteres.

Assim, antes de se lhe atribuir uma importância decisiva, seria bom ver em que proporção se acham e se relacionam um ou dois desses caracteres, pois não é sua simples presença, mas, sim, sua mistura que poderá revelar tendências criminosas.

Outra lacuna que devemos suprir nessa edição é a de sinalar quantas vezes o tipo criminal se manifesta inteiramente, em oposição ao que vemos entre os homens normais, e quantas vezes ele se encontra não apenas entre criminosos célebres, muitas vezes reincidentes, como também nos criminosos ordinários, entre todos os que não somente são criminosos antropologicamente, mas o são juridicamente.

2. FOTOGRAFIAS DE 424 CRIMINOSOS

Para suprir tal lacuna e não ser acusado de parcialidade na escolha dos tipos, examinei os retratos de 424 criminosos. Nas tabelas a seguir, forneço o resumo das observações feitas sobre suas anomalias, além de 200 estudantes da Lombardia, 100 do Piemonte e 122 mulheres criminosas estudadas pessoalmente.

220 são criminosos do sexo masculino estudados, entre os quais 23 americanos, 1 inglês, 1 francês, 1 belga, 18 italianos, 164 alemães, 8 hebreus, 4 russos; 204 são mulheres criminosas, das quais 16 americanas, 59 alemãs, 129 italianas.

Em relação aos delitos cometidos, encontramos:

	homens	Mulheres
Ladrões e batedores de carteira	108	81
Assassinos e homicidas	50	92
Escroques, bancarroteiros e falsários	54	6
Atentadores contra os costumes e violadores	5	7
Bígamos	2	1
Incendiários	0	2
Envenenadoras	0	3

Anomalias	219 fotografias – homens criminosos (%)
Maxilar desenvolvido	39
Barba rala	32
Sinos frontais	28
Olhar sinistro e falso	23
Cabeleira espessa	21
Orelhas em abano	18
Zigomas proeminentes	10
Estrabismos	10
Fronte fugidia	8
Prognatismo	4
Assimetria facial	3
Fisionomia feminina	11
Fisionomia viril	0
Olhar feroz	4
Pálpebras enrugadas	2
Buço	0
Nariz disforme	2
Fronte baixa, estreita ou pequena	3
Lábios finos	3
Tipo criminal	25
Ausência de caracteres mórbidos	16

Anomalias	200 fotografias – honestos (%)
Maxilar desenvolvido	7
Barba rala	5
Sinos frontais	14
Olhar sinistro e falso	1
Cabeleira espessa	1
Orelhas em abano	5
Zigomas proeminentes	4
Estrabismos	0,4
Fronte fugidia	2
Prognatismo	0,2
Assimetria facial	0,0
Fisionomia feminina	0,0
Fisionomia viril	0,0
Olhar feroz	0,0
Pálpebras enrugadas	0,2
Buço	0,0
Nariz disforme	0,0
Fronte baixa, estreita ou pequena	0,7
Lábios finos	1
Tipo criminal	2
Ausência de caracteres mórbidos	61

Anomalias	100 fotografias – honestos (%)
Maxilar desenvolvido	5
Barba rala	6
Sinos frontais	31
Olhar sinistro e falso	0
Cabeleira espessa	2
Orelhas em abano	8
Zigomas proeminentes	15
Estrabismos	3
Fronte fugidia	10
Prognatismo	6
Assimetria facial	7
Fisionomia feminina	0
Fisionomia viril	0
Olhar feroz	1
Pálpebras enrugadas	0
Buço	0
Nariz disforme	0
Fronte baixa, estreita ou pequena	10
Lábios finos	3
Tipo criminal	2,6
Ausência de caracteres mórbidos	?

Anomalias	83 fotografias – mulheres criminosas (%)
Maxilar desenvolvido	30
Barba rala	5
Sinos frontais	15
Olhar sinistro e falso	25
Cabeleira espessa	7
Orelhas em abano	3
Zigomas proeminentes	12
Estrabismos	6
Fronte fugidia	2
Prognatismo	2
Assimetria facial	13
Fisionomia feminina	0
Fisionomia viril	12
Olhar feroz	3
Pálpebras enrugadas	0
Buço	0
Nariz disforme	0
Fronte baixa, estreita ou pequena	9
Lábios finos	14
Tipo criminal	27
Ausência de caracteres mórbidos	15

Anomalias	122 fotografias – mulheres criminosas (%)
Maxilar desenvolvido	9,8
Barba rala	0
Sinos frontais	0
Olhar sinistro e falso	9
Cabeleira espessa	0
Orelhas em abano	5,8
Zigomas proeminentes	1,4
Estrabismos	0
Fronte fugidia	4,2
Prognatismo	0
Assimetria facial	0
Fisionomia feminina	0
Fisionomia viril	0
Olhar feroz	9,8
Pálpebras enrugadas	0
Buço	3,1
Nariz disforme	0
Fronte baixa, estreita ou pequena	4,2
Lábios finos	15,4
Tipo criminal	26
Ausência de caracteres mórbidos	0

Entre os homens, a fisionomia conserva o tipo étnico em 20 sobre 211, enquanto perde, entre todos os outros - exceto 8 judeus que conservaram todos o tipo semita.

Observou-se uma fisionomia normal e bela entre 36 criminosos muito inteligentes, escroques, etc. Tal, por exemplo, o de n° 224, suboficial da marinha, ladrão muito astuto; o de n° 29, escroque e ladrão de livros; o 11 e o 14, dotados de grande astúcia; e 2 bígamos americanos e o falsificador de dinheiro que era um artista de gênio.

Entre todas essas pessoas, a especialidade do crime explica a ausência do tipo criminal. Trata-se de inteligências superiores, ou de criminosos de ocasião. É o caso de Peltzer e o do contrabandista que matou gendarmes para salvar sua mercadoria.

Tal ausência do tipo criminal não se explica menos, portanto, entre os bandidos da Sicília e entre 9 ladrões reincidentes.

Podemos, a partir daí, constatar – e isso é fácil com a fotografia à mão – que, entre os homens criminosos, o caráter que predomina é o enorme desenvolvimento do maxilar, a escassez da barba, a dureza do olhar, a abundância da cabeleira, e, em seguida linha, as orelhas em abano, a fronte fugidia, o estrabismo, o nariz disforme.

E, em todos, mesmo entre aqueles que parecem normais, encontramos uma estranha aparência, uma verdadeira afinidade antropológica. Observando algumas fotografias, fica bem evidente que existe o tipo criminal. E de crer, às vezes, tratar-se

do mesmo personagem. Tal se explica pela ausência do tipo nacional, a analogia dos criminosos italianos e alemães. É como nos cretinos, onde o tipo étnico é apagado pela degeneração mórbida¹.

¹ Mas existe o *tipo criminal*? O delinqüente, afinal, tem uma expressão, um semblante, diferenciado? Destas perguntas surgem questões que, no passado, despertaram polêmica e marcaram época na literatura nacional e internacional. Encontramos em ANTÔNIO MONIZ SODRÉ DE ARAGÃO, *As três escolas penais – clássica, antropológica e crítica*, Freitas Bastos, 1955, inúmeras referências ao *tipo*, dentre as quais, destacamos: “Os criminosos têm realmente uma fisionomia especial? Uns dizem sim, responde EMÍLIO LAURENT, outros dizem não. Na minha opinião, é preciso dizer sim e não. Eu tenho visto muitos milhares de criminosos e, sem ser um bom fisionomista, tem-me, contudo, impressionado, de alguma sorte a contragosto meu, o ar de semelhança, o ar de família que apresentam um grande número deles (*Sociologia Criminale*). E LAURENT, a quem não se pode atribuir exagero no modo de estudar e resolver os múltiplos e diferentes problemas da antropologia criminal, assim explica e completa o seu pensamento: Sem dúvida, o rosto pode ser mais ou menos o espelho da alma e refletir as paixões, os vícios ou as qualidades de um indivíduo. Mas é este reflexo da alma sobre o rosto que constitui a verdadeira fisionomia do criminoso? Na grande maioria dos casos: não. Tal gatuno poderá, pelo hábito da simulação, tomar atitudes fingidas; todos os seus movimentos serão cheios de reticências e o seu olhar oblíquo anunciará a hipocrisia e a mentira. Mas o que dá ao criminoso um aspecto particular são precisamente todas estas malformações, todos estes estigmas de degenerescência física de que eu já tenho falado e que se encontram nele com uma freqüência notável. O que impressiona é este crânio tantas vezes malfeito, esta cabeça plagiocéfala; é esta fronte fugidia, este nariz disforme ou retorcido, esta face glabra e assimétrica, estes olhos estrábicos, estas orelhas largas, em asas, mal orladas, com lóbulos enormes, muitas vezes aderentes; o que chama atenção ainda, são estas arcadas orbitárias salientes, estes cabelos muitas vezes negros e abundantes que caem sobre uma fronte estreita; são estes zigomas enormes que dão à face uma aparência brutal e grosseira, estes maxilares pesados e prognatas que não parecem próprios senão para a dentada e a mastigação. É pois da reunião de um certo número destes diferentes caracteres que nasce o tipo criminoso (*Les habitués des prisons de Paris*). GAROFALO, apesar de, neste particular, já um pouco modificado nas suas opiniões, observa ainda: Malgrado tudo, é preciso convir – como diz MARRO – que todos os que se ocupam com o estudo do criminoso chegam à conclusão de que os delinqüentes são seres à parte. Quase que somente os que jamais visitaram uma penitenciária ou uma casa de força é que podem afirmar o contrário. Acrescenta depois: - Não se pode determinar um só sinal *constante* que permita distinguir o criminoso do homem honesto. Uma só coisa nos parece adquirida: é que, entre os criminosos, certos caracteres se encontram mais freqüentemente em uma classe do que em outra. Os assassinos, por exemplo, como diz LOMBROSO, têm quase sempre o olho injetado de sangue, o nariz quase sempre aquilino ou adunco, sempre volumoso, as orelhas compridas, os maxilares fortes, os zigomas espaçados, os cabelos crespos, abundantes, os dentes caninos assaz desenvolvidos, os lábios finos, muitas vezes tíques nervosos e contrações de um só lado da face que têm por efeito descobrir os dentes caninos, dando ao rosto uma expressão de ameaça ou escárnio... A classe dos homicidas em geral tem muitas vezes os mesmos caracteres, exceto a imobilidade dos olhos ou o vago olhar e a finura dos lábios. Há, em toda esta classe, um predomínio muito acentuado de arcadas superciliares proeminentes, de zigomas espaçados, o que é um caráter de certas raças inferiores, tais como os malaios, de pequenez da frente; mas aí se nota sobretudo o *comprimento excessivo da face* em relação ao crânio e *as mandíbulas excessivamente volumosas*. Este último caráter não é contestado por nenhum observador; é um sinal conhecido de brutalidade e de violência. Os ladrões, ao contrário, seriam caracterizados, quase sempre, por anomalias do crânio que se poderiam chamar *atípicas*, tais como a *submicrocefalia*, *oxicefalia*, a *escafocefalia*, a *trococefalia*. Quanto a sua fisionomia, ela é reconhecível pela mobilidade do rosto, pequenez e vivacidade dos olhos, espessura e aproximação dos supercílios, pela fronte pequena e fugidia, nariz comprido, retorcido ou achatado, palidez do rosto que é incapaz de corar. (...) A mesma observação fez TARDE: É certo, disse ele, que por sua fronte e seu nariz retilíneo, por sua boca estreita e graciosamente arqueada, por seu maxilar delicado, por suas orelhas pequenas e coladas às têmporas, a *bela cabeça clássica forma um perfeito contraste com a do criminoso, cuja fealdade é, em suma, o caráter mais pronunciado*. Sobre 275 fotografias de criminosos, não pude descobrir senão um lindo rosto e ainda assim feminino: o resto é repelente na maioria, e as caras monstruosas são inúmeras. E DOSTOIEWSKY, falando de um dos seus camaradas de prisão, diz: Sirotkine era o único dos forçados verdadeiramente belo; quanto a seus camaradas da seção particular (a dos condenados à perpetuidade), em número de quinze, vê-los causava horror, pelas suas *fisionomias hediondas, desagradáveis*.” - É evidente que nada se pode concluir a partir desses dados. Mas fica uma importante dúvida, pairando sobre esses textos tão veementes: não haverá, por trás de tudo isso, um evidente preconceito estético? Não prevalecerá, como ratificadora da teoria antropológica, a noção do belo europeu, clássico, de linhas tidas como harmônicas em relação a outros tipos humanos? (N. dos TT.).

O tipo criminal encontra-se em 25%. As proporções maiores do tipo nos são dadas pelos homicidas, 36%; pelos ladrões, 25%; as menores proporções, pelos criminosos de ocasião, 17%; pelos bancarroteiros, 1 sobre 8; pelos escroques e bigamos, 6%. Ora, nesses últimos, a bonomia da expressão é o meio necessário para surpreender a boa fé das pessoas honestas. Trata-se de mimetismo, como diriam os naturalistas.

Entre os criminosos libidinosos, o tipo se encontra 4 vezes sobre 5. O criminoso clássico que violou sua filha e a prostituiu tinha os olhos grandes e saltados, as pálpebras enrugadas, os lábios muito grossos. Os demais, apresentavam a fisionomia e vestimentas femininas.